O Malho

ANNO XXXIII
NUMERO 50
17 - 5 - 1934
Preço 1$200

Os Espiritos de Cachamby
Chronica de Berilo Neves
(NO TEXTO)

PROGRAMMAS DE LINGUAGEM E DE MATHEMATICA

O Departamento de Educação do Districto Federal está fazendo editar os programmas escolares elaborados pela sua secção technica, confiada a varias competencias especializadas, sob, o *contrôle* do Instituto de Pesquisas Educacionaes.

Os primeiros que acabam de ser dados á publicidade são os Programmas de Linguagem e de Mathematica, e revelam ambos o cuidado e o conhecimento do assumpto, collaborando para a realização de uma obra intelligente, de facil alcance para professores e alumnos.

Não estamos mais deante de uma simples lista de pontos, mas de perfeitos programmas organizados com objectivos definidos, praticos, intuitivos.

Ambos os trabalhos, editados, sob a direcção de professores especializados em cada assumpto formam volumes de optima confecção — obra da Companhia Editora Nacional, e constituem um bom serviço prestado aos nossos escolares e mestres.

O MALHO
ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 50
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000
Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
Telephones: 3-4422 e 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

A HORA QUE NÃO CHEGARÁ MAIS...
CONTO DE MARIO SETTE
ILLUSTRAÇÃO DE H. CAVALLEIRO

NA BATUCADA DA VIDA
POESIA DE LUIZ PEIXOTO
ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

O EMBARCADIÇO DA COSTEIRA
CHRONICA DE LEÃO PADILHA
ILLUSTRAÇÃO DE CORTEZ

EM DEFESA DOS MACACOS
CHRONICA DE BERILO NEVES
ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

DANÇA MACABRA DE NUMEROS
CONTO DE JENNY PIMENTEL DE BORBA
ILLUSTRAÇÃO DE CORTEZ

ACREDITEM OU NÃO
TEXTO E ILLUSTRAÇÕES DE STORNI

SECÇÕES DO COSTUME
Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em revista — Broadcasting — etc., etc.

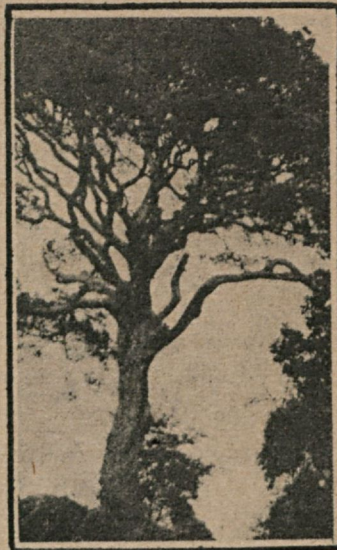
DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

A PAIXÃO PELAS PLANTAS

Conta Berthoud que o Grande Frederico, rei da Prussia, era um zeloso amigo das plantas. Uma de suas affeições infinitas eram as cerejeiras. O monarcha cultivava grande quantidade dessas arvores no palacio de Potsdam. O amor do soberano pelas cerejeiras era tal que, um dia, constatando que os pardaes lhe davam sumiço ás gostosas frutas, decretou que se pagasse um premio de 6 pfennings diarios a todo caçador de pardaes.

E começou a guerra aos endiabrados passaros. Logo no primeiro dia o governo teve que despender com a brincadeira mais de 10.000 thalers. Mas sem os pardaes, as lagartas deram nas cerejeiras. Os agricultores queixaram-se a Frederico que as colheitas pereciam, as arvores frutiferas ficavam estereis. Homem de bom senso, o rei da Prussia decretou outra lei, esta recompensando todo aquelle que importasse pardaes, cada par valendo 6 pfennings.

Um lindo pé de couve palmeira.

AS ARVORES DO "JARDIM A' BEIRA MAR"

Aqui está um especimen do "pinheiro manso". Tão bonito e tão bem tratado, que causa inveja! Pode-se admiral-o em Penacova (Portugal), onde está plantado ha mais de tres seculos.

O JARDIM PUBLICO DE UMA CIDADE PAULISTA

Viradouro, cidade do interior de São Paulo, tem tido nestes ultimos tempos o maior desenvolvimento.

A nossa gravura mostra a "Hevea Brasiliensis" introduzida pelo botanico Dr. Eduardo Britto, que apesar de plantada em terreno de qualidade relativamente inferior aos marginaes do Amazonas, desenvolve-se rapida e extraordinariamente.

O seu precioso "latex" constitue uma das razões de ser da riqueza nacional.

Vista parcial do Jardim publico de Viradouro, vendo-se em destaque um pé de "hevea brasiliensis".

DUAS ABOBORAS FORMIDAVEIS!

Numa exposição agricola, realizada ha pouco em Los Angeles, foram dadas a apreciar duas aboboras de dimensões incriveis. Basta dizer que uma dellas, cavada na parte superior, continha um menino de 14 annos, em pé. A outra, maior ainda, póde servir de cama a um bezerro de seis semanas, que se movia nella a vontade.

As aboboras, em Los Angeles, costumam pesar umas 50 libras. As duas acima mencionadas superaram 250 libras.

FLORES AZUES

Para se obterem hortensias côr de anil bastam regar as plantas com agua que contenha, em dissolução, dez grammas de sulfato de ferro por litro.

Este processo, que é simples e seguro, é usado pelos floricultores portenhos.

Nem todos sabem que...

HA um dansarino erudito, possuidor de uma collecção de livros raros. Chama-se Serge Lifar. Além dos manuscriptos herdados de seu amigo o compositor russo Diaghilew, que lançou os Bailados russos, Lifar possue o primeiro livro impresso na terra de Lenine. Esta preciosidade, de que existe apenas um exemplar, e que se acha em Leningrado, sahiu á luz em 1565. Da rara collecção fazem parte tambem doze cartas desconhecidas do grande poeta russo Pouchkine.

❖ ❖ ❖

Em 23 de Fevereiro se commemorou o anniversario da primeira representação, no mundo, do *Barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais. Foi em 1775, no palco da "Comédie Française", de Paris.

A peça comportava primitivamente 5 actos, mas, tendo sido julgada longa demais, o autor tirou-lhe um acto, ou, como elle proprio o dizia, sorrindo, "a quinta roda da sua berlinda".

❖ ❖ ❖

A polvora sem fumaça, que tantos serviços tem prestado aos exercitos de todas as grandes potencias, foi descoberta, em 1884, pelo engenheiro francez, Paul Vieille, fallecido recentemente. Dita polvora foi por elle baptisada "Polvora B". E' uma mistura de algodão-polvora e de algodão-collodion. A "polvora colloidal" arde por camadas e, no momento do tiro, não desloca senão uma fumaça ligeira.

A Paul Vieille deve-se, identicamente, a "theoria da onda explosiva", susceptivel de propagar-se a velocidades desconhecidas. Na hecatombe de 1914, foram adoptados tambem os "petardos explosivos" de Paul Vieille. Muitas pontes inimigas foram feitas saltar por semelhantes bombas.

❖ ❖ ❖

Os ninhos de salangana, que constituem um petisco para os chinezes e os Javanezes, são ligeiramente perfumados, unctuosos, compactos, delicados e facilmente digeriveis. Elles se compõem, ao que nos informa Henry Berthoud, de uma materia gelatinosa que lembra, por sua forma, sua densidade e sabor, o fundo das alcachôfras dessecadas que se servem á mesa.

Depois de colhidos esses ninhos, são desvencilhados da trama de fios na qual estão envoltos e se compõe de uma materia menos fina, mas que a agua morna desfaz, e que serve para a confecção do ensopado em voga na Republica amarella e em Java.

As salanganas levam dois mezes a fazer seus ninhos, que são encontrados nas cavernas á borda do mar, a grande profundidade.

Dizem que o paladar do estranho prato é esplendido, nada tendo do gosto caracteristico das ovas ou da carne dos peixes.

Programma

Ninguem, mais do que nós, gosta de fazer justiça e proclamar a verdade.

Isto não quer dizer que não tenhamos prazer em criticar, em apontar defeitos, em combater attitudes, uma vez que para tanto nos sobre a razão.

Aqui, nesta columna, fizemos já varios reparos á orientação da S. B. A. T. em diversos assumptos.

A distribuição dos direitos autoraes das composições transmittidas pelo radio, por exemplo, mereceu da nossa parte commentarios azedos, bem como a falta de fiscalisação das listas enviadas pelas "broadcastings".

Estivemos, entretanto, nos escriptorios da S. B. A. T., a convite do seu presidente, Sr. Abbadie Faria Rosa, e do seu superintendente, Sr. Angelo Lazzaro, e verificámos todos os dados e documentos a respeito da distribuição.

Não ha duvida de que não estavamos sendo rigorosamente justos.

Ha, ali, senão um mecanismo perfeito, pelo menos uma grande boa vontade de acertar, prejudicada tão só pela fiscalisação quasi inexistente.

Porque sem fiscalisação, sem o confronto da relação enviada por uma estação irradiadora com um apanhado das suas actividades feito á sua revelia, não poderá haver jamais um controle seguro.

A S. B. A. T. concorda na existencia dessa falha e prometteu-nos, aos poucos, fazel-a desapparecer.

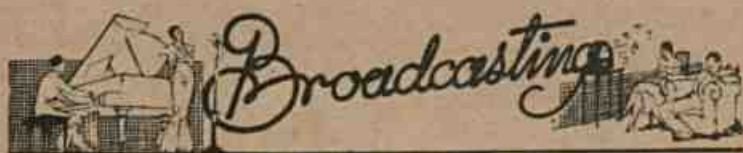
O Sr. Abbadie falou-nos na installação de um receptor para a verificação, em dias por elle determinados, dos programmas de uma estação previamente escalada, o que nos parece um começo de acção.

Lembrou-nos elle, outrosim, que cada autor ou interessado, sempre que ouvir producções suas, faça uma annotação indicando a hora, a estação, o cantor, etc., enviando-a a S. B. A. T. com a sua assignatura.

Ahi ficam essas suggestões e o registro da nossa boa impressão dos serviços internos da prestigiosa entidade em apreço.

O. S.

INCOMPREHENDIDO...

— Não me mate, por favor! Eu sou um bemfeitor da humanidade, não sou um ladrão vulgar! A prova é que só furto radios...

"THE RIGHT MAN"...

Felicio Mastrangelo ahi está no seu posto de honra, junto ao microphone. Elle não é apenas um "speaker", um prolator de reclames. E' um intellectual do nosso "broadcasting", um organisador e um seleccionador. Com um gosto artistico apurado, Mastrangelo imprime aos programmas que faz um cunho de distincção. E' actualmente um dos directores do "Radio Club do Brasil" e foi quem encaminhou os passos da "Mayrinck Veiga". Felicio Mastrangelo, graças á sua operosidade e ao seu valor, conquistou um logar de destaque no radio nacional, do qual é uma figura de projecção incontestavel.

FIO TERRA...

— Você já viu alguem viajar de gondola pelo mar?

— Não. E você já viu?

— Ver, não vi. Mas tenho noticias de um: o compositor Candido das Neves.

— Como assim?

— Na canção "Para sempre adeus" elle se despede da sua amada dizendo que a sua gondola vae partir pelo mar afóra. Logo...

E'. E ninguem sabia que esse compositor era precursor do "Engole Garfo" e do "Bocca Larga", que fizeram o raid de canôa até Santos...

"VOANDO PARA O RIO"

Além da RCA-Victor, tambem a Columbia e a Brunswick gravaram as musicas de "VOANDO PARA O RIO".

A Castillian Troubadours, orchestra typica da Brunswick e Orchestra Eric Madriguera, da Columbia, e a Emil Caleman Orchestra, da Columbia, gravaram "The Carioca", "Orchids In Moonlight" e "Music Makes Me"! A RCA-Victor, como se sabe, tem as musicas "Carioca", "Flying Down to Rio" gravadas pelas orchestras Harry Sosnick e Rudy Vallée.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

O supplemento de Maio da "Victor" apresenta novidades populares de exito garantido. Abre com o fox-trot "Sob uma cascata", no original americano By **waterfall**, que constitue um dos mais lindos quadros do film "Footlight Parade", traduzido para o vernaculo com o titulo de "Bellezas em Revista". Esse fox, com uma optima interpretação de Francisco Alves para o texto brasileiro de Oswaldo Santiago, é o porta-estandarte do supplemento em apreço. Outro disco constante do mesmo e destinado a successo é o de Carmen Miranda, trazendo uma marcha e um samba de Assis Valente, intitulados: "Tenho raiva do Luar" e "pra que amar". Por ultimo, encerrando a parte dos discos cantados, apparece o nome de Gastão Formenti. Elle creou, desta vez, duas toadas intituladas "O Boiadeiro" de Almirante e Luiz Peixoto, e "O Gallo", de Augusto Vasseur e Luiz Peixoto.

* * *

A "Radio Cajuti" iniciou, afinal, as suas irradiacões, na nova phase para a qual se vinha preparando. Apezar de annunciada como possuindo grande potencia, ouvimol-a com bastante difficuldade. Questão de local, talvez. Ou de uma falta de acerto natural nos primeiros momentos e que depois se corrigirá, pois no dia seguinte ao de sua estréa já a escutámos melhor. O programma inaugural da "Cajuti" foi dedicado, gentilmente, á nossa imprensa. A parte artistica do seu programma, como a de todos os nossos programmas de radio, teve altos e baixos. Um detalhe que recommenda a direcção intellectual da novel transmissora é o cuidado com que se declinam os nomes dos auctores, quer de musicas, quer de letras, bem como os acompanhadores e interpretes, cousa que a indigencia mental de outras estações não procura respeitar. A "Radio Cajuti" inicia-se, assim, auspiciosamente. Adeante, pois!

— A sta. canta no radio?

— Não sr. Mas tenho um parente que tem um amigo que ás vezes canta...

O QUE VAE PELOS STUDIOS

"O amor regenera o malandro" é o samba de Sebastião Figueiredo creado por Luiz Barbosa e editado pela casa "A Melodia".

* * *

Com o tango "Recórda", que acaba de ser posto em circulação, Julio de Oliveira assignalou mais um successo da sua inspiração musical, que o collocou, em pouco tempo, entre os autores mais procurados pelo publico.

* * *

"Paizagens de Minha Terra" é um preito de saudade que Lamartine Babo rende á cidade de São Lourenço, onde elle, segundo diz, tem passado as mais felizes temporadas. Trata-se de uma valsa em grande estylo, que já foi gravada por Francisco Alves.

GENTE DO NORTE

De quando em quando, o Norte fornece elementos para as fileiras do radio carioca. Bahianos, cabeças-chatas, pernambucanos. Pernambuco, então, é fertil em tudo o que seja manifestação de arte. E' de lá que nos veiu Branca Mauá, uma cantora com quem o publico carioca está travando conhecimento. Ella acaba de realisar, nesta capital, no "Studio Nicolas", um recital com o compositor Zéca Ivo e com muitos "astros" e "estrellas" do nosso "broadcasting". Branca Mauá é um nome que surge para a critica e a consagração do futuro.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 9.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

De Souza — Rua Souza Franco, 164, c. IV — Villa Izabel.

Eny L. Moniz Ribeiro — R. Visconde Santa Cruz, 25 Engenho Novo.

ESTADO DO RIO

Hilda Graça — Rua Aurelino Leal, 101 — Nictheroy.

SÃO PAULO

Candida Arruda — Tayuva.

Vicar — R. Fausto Ferraz, 2 — Capital.

RIO GRANDE DO SUL

Raul Rebello — Rua Dois Irmãos, 1168 — Porto Alegre.

BAHIA

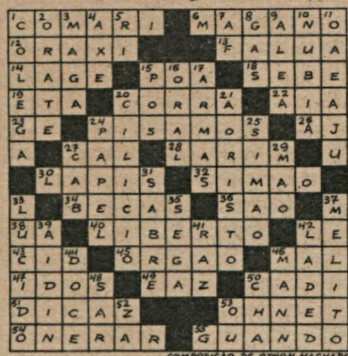
Matieta de Araujo — Rua Nova de São Bento, 41 — Capital.

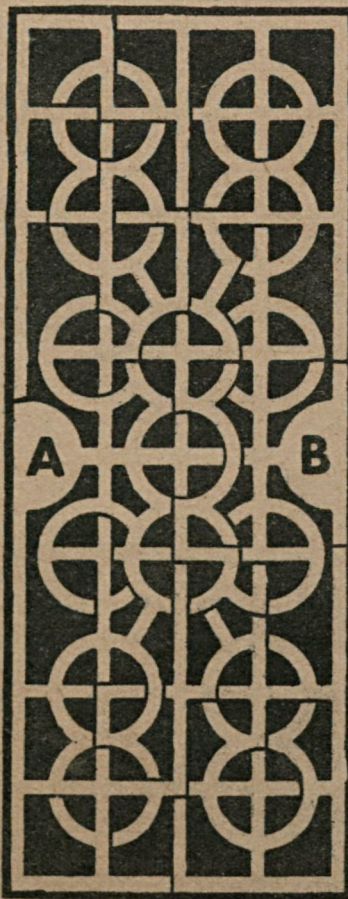
PERNAMBUCO

Carolinda Carvalho — Rua Gervasio Pires, 368 — Recife.

E. Valença — Avenida João de Barros, 694 — Recife.

RIO GRANDE DO NORTE

Sandalo — Caixa Postal, 48 — Natal.

A solução exacta do 9º Torneio das "palavras cruzadas"

PARA MATAR O TEMPO

Que caminho terá que seguir o "A" para chegar á letra "B"?

CARTA ENIGMATICA

A interessante anecdota que aqui apresentamos nos foi enviada por um nosso collaborador que, infelizmente, esqueceu de assignal-a.

As soluções deste torneio devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34, Rio — até o dia 16 de Junho, data do encerramento deste concurso. Na edição d'O MALHO de 28 de Junho, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção.

Aos solucionistas distribuiremos 10 magnificos premios, sendo necessario que as decifrações venham acompanhadas do "coupon" que abaixo publicamos.

CARTA ENIGMATICA

COUPON N. 37

Nome ou pseudonymo .. ..

Residencia .. ..

CORRESPONDENCIA

Méa Guimarães — Gratos pela participação. Póde enviar os dois num só enveloppe.

Jóe Novaes — Perdoe-nos pela troca. Não ha que agradecer, quanto aos premios.

Recebemos e vão ser submettidos á exame os trabalhos de "Palavras cruzadas" dos seguintes collaboradores: — Sandoval de Arroxellas Galvão, Clovis S. Maia, Oswaldo Bandeira, Berandlyc, Othon Machado, Hawaiana, Pierre e Lucio Leite.

Cartas enigmaticas de: Maria Lina, Oswaldo Bandeira e Raphael.

A situação do Banco do Brasil atravez o seu ultimo relatorio

Perante a assembléa de accionistas do Banco do Brasil, o seu presidente Dr. Arthur Costa acaba de apresentar o seu relatorio, em que são mostrados em detalhe todos os negocios desse estabelecimento de credito no ultimo exercicio de sua administração.

Abrindo o seu relatorio, mostra o presidente do Banco do Brasil que a politica, da generalidade dos paizes em materia economica, não se modificou de modo sensivel, havendo sido a Conferencia Economica Mundial a mais recente tentativa feita no sentido de ser adoptada a cooperação internacional em substituição ao nacionalismo economico, dentro do qual cada paiz se pretende bastar a si mesmo. A solução dos problemas de cada um isoladamente continúa sendo a orientação geral, que, embora retarde a volta do conjuncto mundial á prosperidade, resolve no momento as difficuldades internas, mais proximas que os problemas internacionaes.

Em relação á mobilização de creditos, diz o relatorio que, como é do conhecimento publico, os Bancos, em virtude da creação da Caixa de Mobilização Bancaria, ficaram com o direito de, nos casos de retiradas anormaes de seus depositantes, obterem desse instituto os recursos necessarios, mediante caução de titulos existentes em seu activo. Obrigados, agora, a substituir por apolices cincoenta por cento de parte desses titulos existentes em seu activo, extendeu o Governo áquelles a mesma faculdade, de modo que para os bancos não houve, sob esse aspecto, modificação de posição. Assim como podiam antes recorrer á Caixa, mediante caução dos titulos de credito de clientes, podem-no, agora, com as apolices entregues em substituição delles.

Abordando a situação cambial, o relatorio, depois de exprimir, com elementos inquestionaveis de prova, o estado de desordem em que se encontra o mecanismo da circulação internacional de capitaes, accentuando que o Brasil, como todos os paizes novos, não póde prescindir de capitaes ou do concurso estrangeiro, o Sr. Arthur Costa mostra como é dessa falta que decorrem as nossas difficuldades, sobretudo as de ordem cambial, e como estas se aggravam pela intervenção de outros factores, entre os quaes o da queda do valor do dollar em relação á libra, o que é por demais comprehensivel, uma vez ser feita em moeda americana quasi que a metade da nossa exportação. Essa circumstancia não impediu, comtudo, que o Banco do Brasil resgatasse a ultima prestação do Consolidation Credit com os banqueiros Rotschild & Sons, sendo de £ 2.777.920 -3-3 o montante das prestações pagas durante o anno.

No relatorio figura um quadro do movimento de compra e venda por trimestre, sendo de se assignalar o facto de haverem sido vendidas ao commercio, durante o anno findo .... £ 49. 547.619 contra £ .... 33.612.450 em 1932, o que vale por um augmento de 47,4 %.

Aborda o relatorio ás relações do Banco do Brasil com o Thesouro, mostrando toda a natureza e vulto dessas relações.

O Banco do Brasil, graças á centralização do excesso dos encaixes bancarios, e tambem ao habito que se introduziu de operações de credito por meio de acceite bancario, poude attender ás necessidades do governo, quer para a politica de defesa do café quer para supprir deficiencias da receita publica em 1932 e 1933.

"O debito directo do Governo Federal em 31 de dezembro de 1933 junto ao Banco do Brasil era expresso pela quantia de 702.446:022$306, sendo 600.000:000$ em titulos descontados e 102.446:022$306 na conta em que foram registradas as despesas feitas com a repressão do movimento de São Paulo.

Essa conta eleva-se a 189.438 contos, quando o Governo autorizou a sua transferencia para a conta "Despesa da União", liquidando-a. Tambem das promissorias citadas venceu-se uma parte durante o anno, na importancia de 2.000.000 contos de réis, liquidada pontualmente. No fim do anno, afim de regularizar o seu debito de posição, decorrente do contracto com o Banco, teve o Governo de emittir mais trezentos mil contos de promissorias, ás quaes foi extendida, como ás anteriores, a faculdade de serem levadas a redesconto, independentemente do limite estabelecido para as operações da carteira respectiva (Decreto de 30 de dezembro de 1933). A posição referida, em virtude dessa operação, passou a ser credora da importancia de réis ..... 87.721:400$679. A responsabilidade directa do Governo Federal, junto ao Banco ficou sendo em 31 de dezembro de 1933 de 700.000 contos em promissorias, não incluida a conta "Liquidações", na importancia de réis 8.745:756$970, e a resultante do accordo para a liquidação dos creditos commerciaes em atrazo, a que me referirei adiante.

Na parte de responsabilidades ainda pendentes de liquidação, foi regularizada a situação de mais algumas durante o anno e acha-se encaminhada a das restantes.

O decreto n.º 23.829, de 5 de fevereiro de 1934, determina a forma pela qual, a partir de abril de 1934 a março de 1938, será feito o pagamento dos juros e da amortização dos titulos dos emprestimos externos realizados pelo Governo Federal, e pelos Governos dos Estados, conforme o plano organizado pelo Governo Federal.

UMA MACHINA

O Sr. me conhece? Não? Pois é pena. Eu sou um individuo que todo mundo conhece. Chamo-me Xisto Cardoso. Meu pae era major do exercito. Eu não sou não. Ha uns tres annos passados, trabalhava de guarda-livros na firma Souza & Filho. Agora sou inventor. Inventei um apparelho maravilhoso. A proposito, o Sr. tem carrinho vasio? Oh! se tivesse eu comprava. Estou precisando muito de um carrinho vasio. Está rindo? O Sr. não sabe de nada. Aliás ninguem sabe de nada. Quando eu terminar o meu invento é que todos me darão valor. O que é? Não sabe? Então o Sr. tem coragem de dizer que não sabe? Tenho aqui no bolso parte da machina. Olhe uma roda dentada, um carrinho, dois parafusos e uma caixa de phosphoros. Se juntarmos isso á outra parte, teremos a machina completa, isto é, faltando apenas um carrinho. Tem um lapis? E papel? Obrigado. Vou fazer o calculo para o Sr. comprehender melhor:

Parte em meu bolso + parte em casa = a machina toda — um carrinho.

Entendeu?

Preste bem attenção. A roda dentada monta numa outra de manivella que por sua vez está presa a um eixo de arame apoiado numa taboa. Este carrinho liga-se ao outro que me falta e, collocado no mesmo eixo da roda, tem, na extremidade uma especie de prateleira de uma polegada, para se collocar a caixa de phosphoros. Movendo-se a manivella, a machina funcciona. Se quizer, colloca-se tudo isso numa malinha de mão, inclusive uma chave de parafusos e um pedaço de barbante pra quando partir a polia. Formidavel, não acha? Para que serve? Ora, ora, por essa não esperava eu. Vou-lhe explicar. O Sr. parafusa no supporte do carrinho que me falta, a tampa da caixa de phosphoros. Parafusa por dentro, não se esqueça, do contrario a caixa não póde correr. Não abre, ouviu? Feito isto, colloca a caixa cheia, e, toda vez que quizer, tira um phophoro e roda a manivella. Está ahi. Não tem a minima difficuldade. Até uma creança maneja.

Que é mais? Não entendeu ainda? E' incrivel. Logo que o Sr. rode a manivella os dois carrinhos (este é o que me falta) põem-se em movimento e a caixa fica rodando. O phosphoro? O phosphoro o Sr. encosta na lixa da tampa com a outra mão e elle accende. Que é mais? Acha pouco se inventar uma machina portatil para accender phosphoros?

Maya Sena.

— Como o "Tres côrôas" conseguiu ser absolvido por falta de provas?...
— Muito simples, elle tambem assassinou a unica testemunha do caso.

Caixa d'O Malho

JOÃO CARNEIRO DE ALMEIDA (Rio) — A sua intenção, por certo, é respeitabilissima. Mas hoje, nem mesmo as creanças se interessam mais por essas historias tenebrosas de cavalheiros do odio, vestidos de negro, esperando o bater da meia noite para executar uma vingança horrorosa, entre gargalhadas sinistras, phrases bombasticas e trovoadas, relampagos e ventanias de uma tempestade de 2.º acto da tragedia. Razão por que eu o puz de lado, esperando coisa menos dramatica.

JOÃO BUSSILI (S. Paulo) — A "nova edição" do "O Prisioneiro" póde sahir. Acho-o melhor. Em conto é preciso não abusar do pathetico.

JARBAS FILHO (Rio Novo) — Não vae mal o seu estylo. Pena é que haja procurado um thema tão surrado. Muita gente tem dito coisa semelhante sobre os destinos do homem e da gotta de agua. E sobre as metamorphoses desta, é preciso ter genio para accrescentar alguma coisa de pratico á "Hermana Agua" de Amado Nervo. Forje outro thema. O seu estylo dá-lhe direito a um logar nas nossas paginas.

VIVALDO B. DE ANDRADE (Itabaianinha) — Eis ahi um homem modesto nestes tempos de cabotinismo desenfreado. Manda-me V. um esplendido conto, acompanhado de um enveloppe subscripto e sellado, para que lh'o devolva, caso não approve o seu trabalho literario. Sinto muito ter de ficar com o seu enveloppe sellado, mas o conto vae sahir qualquer dia destes.

DICTE (Itajubá) — O conto parece-me publicavel. Acho, porém, que o final necessita de um pequeno concerto. Você deixa insatisfeita a curiosidade do leitor. Que especie de "monstro" é aquelle que engoliu o seu herôe? Que olhos eram aquelles de "metro e meio de diametro"? Um automovel? Não acho verosimil, dado o diametro dos olhos. Seria bom que V. carregasse ali, um pouco mais, nas minucias. Do contrario, muitos leitores podem pensar que isso é charada e encher-nos a caixa de soluções.

ZÉ DA VIOLA (Sergipe) — V. se engana: a maneira como eu distingo os melhores amigos desta "Caixa", é falando-lhes com a maior franqueza. Se V. não tivesse um logar aparte na minha estima, eu não desceria ás minucias na analyse dos seus versos. Mas se V. não gosta, ahi vae uma resposta telegraphica: "Meu Sertão" fraco, muito logar commum. "Paizagem sertaneja", approvado, cortando os cinco versos do centro, onde ha toda uma "constellação" encaixada á força, por exigencia da rima.

EDELWEIS (Salvador) — Ora, não tem de quê. Guarde os seus agradecimentos para outra occasião. "Aquario" respondido, numero anterior.

HEITOR MARCOS (Nictheroy) — Ha muita gente a queixar-se do mesmo mal. Que é que se vae fazer? Espere mais algum tempo, porque a desobstrucção é lenta, mas vae-se fazendo.

EDUARDO DE CARVALHO (Passos) — Não obstante o tom pathetico dos seus versos, gostei de quasi todos, notadamente de "Para mim mesmo", que destaco, para publicar. Os themas são velhos e o tratamento que lhes dá é o mesmo que lhes têm dado os que escreveram sobre o assumpto antes de V. Entretanto, existe harmonia nas phrases. E, aqui, e ali, uma imagem nova.

PRINCIPE DE GALLES (S. Paulo) — O seu "Suicidio lento" tem um titulo que parece de conto policial. Afinal, não passa de uma historia de amor. Salva-a a maneira como está narrada. Tambem vae sahir, mas... depois do *stock*.

YANKEE (Nictheroy) — Por descuido, a sua carta ficou mettida entre outros papeis, de modo que, sómente agora, me toca a vez de dar-lhe resposta. Desde que as traducções sejam gratuitas e bem feitas, interessam-nos. Se são illustradas, mande, tambem, as illustrações. Comece quando quizer.

MOZART DUTRA (B. Horizonte) — Seja feita a sua vontade.

DR. CABUHY PITANGA NETO

OS GRANDES CONCURSOS D' O TICO-TICO

Grupo feito na redacção d'O TICO-TICO, quando varios contemplados no sorteio do "Grande Concurso de Férias, recebiam os seus premios.

A CUTIS REPRESENTA UM THESOURO PARA A MULHER. CONVEM DEFENDE-LA COM ZÊLO

INDISPENSAVEL AO TOILETTE FEMININO

Um omnibus passou

LEÃO PADILHA
Illustração de Cortez

PEQUENO escolar que um dia eu vi, estendido de borco, no meio da rua, a cabeça levemente de lado, os braços abertos, abraçando a terra, no mesmo gesto com que abraçavas a tua mãe: o sol da manhã, o vento e o pó que a velocidade dos automoveis levantava do chão humilde, coroavam de gloria a tua cabelleira. E na tua bocca floria uma golfada de sangue.

A tua pequena pasta de estudante jazia mais além, entre cadernos de papel e lapis de cor, e um dos teus livros cahiu aberto sobre o ralo do esgoto, exactamente como costumava abrir-se entre as tuas mãos.

Na escola, haviam-te iniciado nos mysterios da physica e da chimica, ensinado a conjugação dos verbos, o nome dos rios e montanhas da India, a collocação das ilhas da Oceania e dos lagos do Canadá. Mas nada te haviam dito sobre a vida e a morte.

E eis porque teus olhos paravam dilatados, cheios de pasmo e afflicção, em face do grande mysterio, cujos veos se rasgaram, de repente, deante dos teus passos, no momento em que marchavas para a escola.

Pequeno escolar que eu vi estendido no meio da rua, com uma rosa de sangue na bocca e uma aureola de sol na cabeça: feliz de ti, se não presenciaste o pranto dos teus paes, nem a angustia dos filhos do **chauffeur** que o povo queria **lynchar,** á hora em que o **rabecão** chegava para te levar...

OS ESPIRITOS DE CACHAMBY

A Morte tinha, para os romanos, uma feição sagrada. Os que morriam, entre os antigos, passavam immediatamente á categoria de deuses. Eram elles — os espiritos familiares — que presidiam á vida dos homens, e os protegiam, e os amparavam, e lhes davam todo o poder e toda a gloria. E de tal maneira esses vivos se deixavam guiar por aquelles mortos que, na verdade, só depois da Morte é que se começava realmente a viver...

Com as claridades scepticas da Sciencia, os phenomenos super-naturaes entraram a ser considerados como symptomas de má fé — e os espiritos passaram a estar sob a vigilancia directa da Policia. Para a Civilização, os unicos defuntos sérios são os que se deixam ficar discretamente nas suas covas — e nunca fazem barulho. O finado é, para a Lei, sob todos os aspectos, um homem morto. A Humanidade habituou-se a encarar as almas como simples sombras inoffensivas que só muito raramente vêm á terra, com enormes chambrolas esbanquiçadas, para metter medo ás crianças e... ás mulheres.

Almas dessa especie, inquietas e manejadoras de calhaus, são as que estão assombrando, a esta hora, em pleno seculo XX, a casa de um honrado funccionario publico em Cachamby. Espiritos atrevidos espalham-se, ali, todas as noites, pelos quartos, a fazer toda sorte de tropelias, quebrando loiça e transformando a casa inteira em um hospicio cujos loucos se escondessem, prudentemente, na sombra.

Parece que esses espiritos dispõem, mesmo, de chaves de parafuso, pois nos ultimos dias quasi todas as fechaduras da casa têm sido arrancadas, em silencio e com exito.

O **outro mundo** será tão pouco interessante que só nos forneça moleques atiradores de pedras e vulgares arrombadores de portas?... Assim sendo, não é negocio **passar desta para melhor vida**... Aqui tivemos um estatuario como Phidias, um pintor como Rafael, um poeta como Dante, um philosopho como Platão, um scientista como Pasteur. Estadistas eminentes como Lord Beaconsfield e como Bismarck aqui viveram, tambem — e, se não me engano, ainda hão de estar la por cima.

Entretanto, e apesar de tanto barulho, não nos vem, do outro mundo, nem um soneto, nem uma estatua, nem uma descoberta, nem uma fórma de governo... Os espiritos divertem-se em fazer baloiçar uma mesa de tres pernas — proeza que uma simples gallinha depenada consegue, com exito... E — o que é peor — quando invadem uma casa, o primeiro ruido que se ouve é o de arrastar de correntes, ou o de loiça partida... O **outro mundo** deve estar cheio de presidiarios e de gente mal educada...

Será que a Morte transforma os homens de genio em vagabundos? Que será feito de Napoleão, a estas horas? Estará ajudando a desaparafusar fechaduras em Cachamby?

Que é o espirito, afinal? Se é sombra, por que quebra loiça? Se quebra loiça, como póde ser sombra? Se tem mão para desaparafusar, por que não a tem para fazer cartas, ou, apenas, para nos dar um **shake-hand?** A historia da Idade Media está cheia de defuntos que davam sovas nos vivos. Muito marido se vingou, assim, **post-mortem,** de sua esposa infiel. Mas a verdade é que nenhum sujeito amavel deste mundo conseguiu, um dia, apertar a mão a um seu collega, do outro...

Os cemiterios são enormes livros mudos em cujas paginas, de marmore, paira uma enorme interrogação, feita de silencio. Entrar num Campo Santo é penetrar os humbraes da Duvida. Os coveiros são materialistas ferozes que vivem a atirar pás cheias de terra á mais bella das nossas fantasias — a Immortalidade... As leis chimicas são tão inflexiveis como as physicas. Um cadaver é um desengano frio. A desagregação que se segue á Morte já não faz parte da historia do morto: é um capitulo, singelo, da chimica biologica, da transformação immensa que não teve começo — nem terá fim, nunca...

Mas, os espiritos de Cachamby resolveram vir avisar-nos, agora, que nem tudo, depois da Morte, é silencio e é pó. A maneira por que o fazem é, porém, mais de garotos traquinas do que de emissarios da Eternidade...

Pois será crivel que a alma immortal seja inimiga das fechaduras? Sem as fechaduras, como defender a pureza das donzelas, no lar, e a inviolabilidade dos valores, no banco? Que seria da justiça humana sem a fechadura das penitenciarias? Nos proprios altares — onde está a Eternidade — não ha fechaduras, embora com chave de oiro?...

Decididamente, esses espiritos arrombadores podem existir (não o duvido), e estar penetrados de muito boas intenções para com a honrada população do Meyer, onde se exhibem, neste momento. O que duvido é que tenham tomado chá em pequenos. Dahi a sua phobia pelas portas fechadas. E dahi, sobretudo, sua pasmosa inhabilidade em maneiar toda sorte de loiça... Os vasos, quebrados em Cachamby roubam a essas almas toda a sympathia dos homens sérios...

ILLUSTRAÇÃO DE THEO

POR BERILO NEVES

Aspectos das cidades e das ruas do Japão

Scena typica das ruas japonezas. O menino, vestido á nossa moda, passeia, puxando o furisodé ou seja a manga do kimono da mamãe, que ainda não se resolveu a trocar o lindo traje nacional pelos vestidos occidentaes.

NAS cidades do Japão impressiona-nos em primeiro logar o numero fantastico de cyclistas. Tokyo, por exemplo, tem 500.000 bicycletas em circulação, todas de fabricação japoneza e custando em média 10 yens apenas (ou sejam 35$000).

Os estudantes vão para a escola, de bicycleta; os pequenos funccionarios e negociantes não usam outro vehiculo; e é tambem de bicycleta que circulam operarios e operarias, no trajecto da casa para a fabrica e vice-versa.

A' entrada dos bancos, das lojas e dos escriptorios ha sempre um amontoado de bicycletas, de propriedade dos empregados e dos freguezes.

No Japão, atravessar uma rua constitue uma verdadeira proeza sportiva. Com effeito os cyclistas, a formarem densa nebulosa e a se exhibirem em arrojados zigzags e inauditas acrobacias, põem em constante perigo a integridade physica dos transeuntes.

No Japão os taxis são baratissimos. Uma corrida, no centro de Tokyo, custa 30 sens, ou sejam 1$200 e por trajecto inferior a duas milhas o preço é 50 sens ou 1$700.

Os taxis não fazem "ponto", como costumam fazer os nossos, mas percorrem continuamente as ruas, á procura de freguezes. Não pertencem em regra aos **chauffeurs** que os guiam e sim a determinadas emprezas que controlam o trafego automobilistico, como acontece nos Estados Unidos.

Noventa por cento são automoveis Ford e isso se explica porque a companhia Ford, tendo uma fabrica em Yokohama, está apta a fornecer os seus carros por preços mais vantajosos.

✣ ✣ ✣

Observemos os transeuntes.

Setenta e cinco por cento dos homens usam trajes occidentaes. sexo feminino, porém, a proporção não ultrapassa dez por cento e só mesmo na nova geração é que ha adeptas das nossas modas.

No Japão — terra da tolerancia, por excellencia — a gente pode se vestir da maneira a mais disparatada, sem receio de ser criticada ou ridicularizada.

Os japonezes, com effeito, não têm convenções nem regras no que diz respeito ao vestuario occidental.

Uns, embora vistam calças e paletó, não calçam sapatos e sim as tradicionaes getas ou tamancos de madeira. Outros usam o kimono mas cobrem a cabeça com um chapéo de palha igual aos nossos. Outros, emfim, no verão, exaggeram a simplificação da indumentaria e passeiam na rua, de camisola de dormir. Dá-nos uma immensa vontade de rir quando deparamos um cavalheiro de pince-nez e palheta, exhibindo por transparencia de uma camisa que desce até os pés, os detalhes de um corpo nada apollineo. Pensareis talvez que se trate de algum indigente, de um pobre necessitado, reduzido a perambular em trajes primitivos. Enganae-vos. E' um banqueiro, um homem de negocios, um grande industrial, quiçá um deputado. A indumentaria feminina apresenta tambem, embora menos frequentemente, casos de desconcertantes misturas. As moças estudantes usam saia comprida e uma blusa de typo kimono e calçam indifferentemente o sapato ou a **geta**. Se ha gentis **flappers** japonezas, vestidas pelo ultimo figurino de Paris, irreprehensivelmente elegantes, ha por outro lado um numero muito maior de **musumés** que ao adoptarem o traje europeu, se esquecem do que se chama a harmonia da **toilette** e fazem uma mistura indescriptivel, para não dizer irrisoria, de côres e de modas.

Passam ainda as geishas, com os seus custosos e lindos kimonos, proprios da profissão que abraçaram, e com o magestoso e architectural penteado, tão compacto e brilhante, que nos dá a impressão de ser de lacca.

E o martellar d'aquellas dezenas de milhares de **getas** no asphalto e nas calçadas produz um intenso **tac-tac**, sonoridade caracteristica das cidades e das ruas do Japão.

✣ ✣ ✣

Ao examinarmos mais de perto os transeuntes tres detalhes chamam-nos a attenção: 1º) o grande numero delles a usarem oculos; 2º) os dentes sempre obturados com grande reforço de ouro; 3º) o emplastro branco ou preto que lhes cobre o nariz e que, embebido de um liquido antiseptico, lhes serve de preservativo contra a grippe e os resfriados.

✣ ✣ ✣

As grandes cidades possuem espaçosos e luxuosos **department-stores**, comparaveis aos americanos. Em Tokyo, por exemplo, ha o Takashimaya, o Matsuya, o Matsuzakaya, o Mimatsu, o Sogo, o Shirokiya — edificios de 6, 7 ou 8 andares, abertos diariamente, mesmo aos domingos, até ás 10 horas da noite e onde se compra tudo o o que se póde desejar.

Durante os dias torridos do verão apparelhos de refrigeração amenisam a tempe-

(Continúa na pag. 28)

Na intimidade do escriptor

Uma pôse especial para O MALHO

A residencia de Claudio de Sousa, em Copacabana, é um pequeno e elegante museu de arte. Resume o gosto, a finura, a distinção de duas inteligencias voltadas para todas as coisas belas da vida. O visitante vai encontrar-se ali com um sem numero de raridades dispostas artisticamente, evocando épocas, figuras, sombras e meditações. Entre quadros ilustres e tapeçarias custosas, ornatos de reis e sabios, prendas de ourives e poetas, vive o casal Claudio de Sousa, animando com a sua paixão pelas obras primas e curiosidades o "habitat" encantador da Avenida Atlantica.

Realmente, naquela casa senhorial, a que preside uma nobre inspiração e um acentuado culto de beleza, o visitante depara uma galeria de objetos de arte, colecionados por quem sente, verdadeiramente, a alegria de seu convivio.

Ali é um piano da éra napoleonica, todo incrustado em madreperola, obra autentica e de alta valia; tapeçando as paredes e os moveis, legitimos Aubussons e Gobellins, estofos lavrados ou bordados, que nos falam da origem das tapeçarias de alto liço que notabilizaram a fabrica de Fontainebleau sob direção de Felisberto Babou, senhor de La Bourdaisière, de Sebastião Serlio, seu pintor ordinario e que Henrique II conservou, entregando a Felisberto Delorme; daqueles primores fabricados na ex-casa professa dos jesuitas e depois transferida para as galerias do Louvre.

Cercado dêsse jogo de maravilhas, que nos transportam para o mundo das manufaturas de Felletin e de Aubusson, de Gobellins e de Beauvais, vive o artista de "Flores de Sombra", a comedia que deu ao nosso teatro um toque de sentido. Seu gabinete de estudos é uma capela da inteligencia, tão sensivel é o culto que aí se presta aos livros, tratados e colocados com uma reverencia de bibliofilo. Ao fundo, um magnifico vitral reproduz uma cena de "Flores de Sombra". Ao lado, um santuario riquissimo, obra de relevo, que deve ter sido feita por um mestre de talha.

Claudio de Sousa, que reune aos dons intelectuais, qualidades de "gentleman", recebe a nossa visita com a simplicidade dos autocratas por instinto. A elegancia de suas atitudes, a correção de maneiras e sedução pessoal, com que implicam certos botocudos, nada têm de afetado e postiço.

Constituem apenas requisitos de um homem civilizado, que sabe viver a vida harmoniosamente, ao lado de uma criatura que sintoniza nas mesmas aspirações.

Sugestiva sob varios aspetos, a palavra de Claudio de Sousa seria um esplendido depoimento, sobretudo para a historia do nosso teatro.

Facil e claro na exposição, o ilustre academico assim foi respondendo ao nosso inquérito; transmitindo-nos algumas respostas que valem por esplendidas lições:

— Qual o genero literario que, primeiro, seduziu seu espirito?

— O romance. Aos 12 anos, no Colegio dos Jesuitas, em Itú, parecia-me a quinta-feira o dia mais feliz, porque nele se distribuiam romances catolicos, e, tambem, os de Julio Verne e outros. Lia-os sem parar o dia inteiro. Nas férias, meus pais suspendiam-me o gás ás 10 horas da noite, para evitar que eu ficasse lendo até altas horas. Empregava em velas o que me sobrava da mesada semanal e lia regaladamente grande parte da noite quanto romance comprava ou tomava emprestado.

— Como escreveu "Flores de Sombra", a comedia que abriu uma éra no teatro nacional? Tinha intenção de fazer reviver a escola regional?

— Esta pergunta encontra resposta na dedicatoria do volume impresso, na qual narro como foi escrita a peça. Eu atravessava um dos momentos mais dolorosos de minha vida. A traição de um parente proximo envenenava-me os dias. Padecimentos fisicos prendiam-me ao leito. "Sente-se na peça — como escrevi naquela dedicatoria — um sofrimento que procura consolo no seio de uma evocação: a da familia antiga, unida, solidaria, varrida de cizania porque batia por um só pendulo, regia-se por um só simbolo, que em vida era amor e respeito, e após a mor-

No gabinete de estudos, o ilustre comediographo tem ao lado a senhora Claudio de Sousa e a senhorita Lourdes Loureiro, filha do capitalista José Joaquim Loureiro. Ao fundo, o vitral representa uma cena de "Flores de Sombra", a comedia que abriu a Claudio de Sousa as portas da Academia.

Claudio de Souza

te, veneração, a emoldurar de lagrimas as saudades que continuavam a dirigir o lar como os espiritos imortais da tradição, fonte de h a r m o n i a e de beleza."

Escrevi na cama um ato por dia, parando nas horas em que as dôres me afligiam; meu medico, que era o grande cirurgião Dr. Stapler, repreendia-me pela manhã ao e n c o n trar as tiras a lapis, e tornou-se a s s i m preciosa teste mu nha do que afirmo.

— *Qual a razão da crise permanente do teatro nacional, na sua opinião?*

— O bom teatro sempre foi função educativa do Estado. Todos os paizes cultos têm um ou mais teatros oficiais, e escolas dramaticas. A F r a n ç a, onde a arte dramatica atingiu o apogeu nos ultimos seculos, m a n t e m, não obstante, cinco teatros oficiais em P a r i s (O p e r a, Opera-Comica, Comédie, Odéon, Comédie Mondaine) e subvenciona mais cinco ou seis, além dos teatros de provincia.

Mussolini, não contente com o grande numero de teatros oficiais da Italia, creou o teatro oficial ambulante, que leva ás menores cidades a educação artistica e moral. No Brasil o teatro é considerado fonte de renda orçamentaria como um armazem ou uma industria, ou um contribuinte comum Emquanto persistir tão absurdo criterio, só teremos o teatro comercial, ao sabor do numero e não da qualidade dos espectadores.

— *Que pensa das tentativas particulares para o reerguimento do teatro nacional?*

— Descrelo de seus resultados deante do fracasso de organisações desinteressadas que se tem inutilmente sacrificado por esse ideal. Se nos grandes paizes o teatro de arte necessita do auxilio oficial, é uma utopia pensar que se possa constituir receita apreciavel com as poucas pessôas que só vão ao Municipal quando aparece uma c o m p a nhia francesa, deixando ás m o s c a s grandes a r t i s t a s italianos, espanhóes e o u tros... Já sonhei muito com essa realização. Sou um espirito pratico: abandonei-a, quando me convenci de sua inviabilidade. Não se deve desencorajar os que ainda tem fé, mas a unica propaganda util é a de conquistar o Estado ou o M u n i c i p i o para a organização do teatro oficial.

Num dos salões da magnifica residencia, em dia de recepção. A senhorita Lourdes Loureiro declama uma pagina de Claudio de Sousa.

— *Vale a pena escrever no Brasil?*

— Uma arvore frutifera ou um arbusto em flôr em pleno deserto são um simbolo aproximado do artista no Brasil. A arvore dá frutos, o arbusto, flôres, ainda que a ninguem isso aproveite. O prazer de crear supera qualquer contrariedade, seja a da indiferença, seja a do ataque perfido ou desbragado dos que se comprazem em destruir porque incapazes de construir.

Tomar um martelo e arrazar uma estatua é tanto mais facil quanto mais selvagem é o braço: não é preciso talento para fazel-o.

O mais bronco dos homens exerce a critica até contra a obra divina.

Crear, ainda que seja a mais defeituosa das obras de arte, denota sempre engenho. E' porque me merecem respeito todo os que produzem, todos os que preferem a construção á destruição.

Para a demolição basta o tempo que, com sua sabedoria inelutavel, para a seleção dos valores definitivos não consulta a criticos, e quasi sempre começa por dar cabo deles...

Um recanto da biblioteca. Veem-se entre os livros o diploma da cruzada do ouro para o bem de S. Paulo e uma das aguias napoleonicas, arrancadas pelo povo na invasão dos Campos Eliseos em Paris. Reliquia igual só a possue no Brasil o Dr. Altino Arantes.

A fachada do palacete Claudio de Sousa na Avenida Atlantica.

A NOVA DIRECTORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Herbert Moses
Presidente

Heitor Beltrão
Vice-Presidente

Oswaldo de Souza e Silva
Vice-Presidente

Paulo Filho
Vice-Presidente

Reuniu-se a 9 do corrente o Conselho Deliberativo da A. B. I. com a presença de 24 conselheiros, para o fim de, entre outros assumptos, eleger a sua nova directoria, que ficou assim constituida:

Presidente, Herbert Moses; vice-presidentes, Heitor Beltrão, Oswaldo de Souza e Silva e Paulo Filho; secretarios: Berilo Neves, Pedro Timotheo e Gastão de Carvalho; thesoureiros: Borja Reis e Pereira Rego; bibliothecarios: Martins Capistrano e Carlos Manhães, e procurador, Annibal Martins Alonso.

Berilo Neves
1.° Secretario

Raul de Borja Reis
1.° Thesoureiro

Annibal Martins Alonso
Procurador

Martins Capistrano
1.° Bibliothecario

A apuração dos votos da eleição do terço do Conselho, assistida por varios candidatos e socios da A. B. I.

Raul Pederneiras depositando na urna a sua cedula, quando das eleições do terço do Conselho Deliberativo da A. B. I.

O ROSARIO

(Mensão honrosa do Grande Concurso de Contos D'O MALHO).

VEJA: aqui está o meu maior thesouro... E, sacolejando-o, displicente, na concavidade da mão direita, mostrou-me um rosario pequenino, de contas de vidro azul.

— Ora, bolas! Você tem cada uma! Cada bobagem! Sempre cheio de patacoadas! Um rosario como esse ser o seu maior thesouro!... Tem graça. Em Apparecida, a gente adquire, quantos queira, da mesma qualidade, a doze mil réis a duzia.

Henrique recebeu as minhas palavras com um sorriso triste, resumbrante de piedade. E intentou explicar:

— Ouça a historia do meu rosario, o meu maior thesouro — continuou a affirmar — e depois verá que tenho razão.

— Já adivinho — interrompi-o. Esse seu rosario não é nem mais nem menos do que uma derradeira lembrança de um namoro romantico, na febre dos vinte annos. Deve ser uma especie d'aquelle gorro que o infortunado Fiel, do Guerra, arrancou, valentemente, ás garras do oceano.

O meu antigo companheiro de gymnasio, sem se alterar, censurou-me:

— Não diga as cousas assim á toa...

E, á guiza de **ultimatum:**

— Fique calado, si é que tem interesse em ouvir-me.

Os meus labios obedeceram, incontinente, á sua intimação.

Olhos cravados nas taboas do soalho, sempre a brincar com as contas do pequeno rosario, fazendo-o saltitar na concavidade da mão polpuda, Henrique deixou quedar-se silencioso, mergulhado em scismas. Depois, como que despertando duma evocação longinqua, principiou, com voz pausada e clara:

— Faz tanto tempo...

Eu era muito creança, um meninote de oito annos apenas, com o cerebro povoado de chimeras e illusões.

Nessa epoca distante e saudosa, ao lado dos meus, residia na minha pequenina e risonha cidade natal.

Num domingo de sol esplendente, em que o astro-rei osculava a terra com um longo beijo de luz, eu e minha mãe, como era nosso costume, fomos assistir á missa.

O céo, inteiramente azul, tinha, na sua nudez, a pureza das almas infantis. Cigarras estridentes cantavam, descuidosas, nas frondes virentes das magnolias floridas e perfumadas. Auras fagueiras, em mysticas rhapsodias, entoavam hosannas ás pompas da nutura. E o bimbalhar dos sinos, na vetusta igreja, chamando os fieis, impregnava de musica o espaço.

O parocho, um velhinho de cabellos encanecidos, após a cerimonia sagrada, sempre me dava nickeis para comprar confeitos. Nesse dia, porém, em vez de moedas, deu-me esse rosario pequenino. Deu-m'o e disse-me, acariciando-me as faces:

— Reza, meu menino, á Virgem, todos os dias, e serás feliz. Tem fé e, nos momentos difficeis da vida, pede-lhe, que ella te ouvirá.

Eu guardei o rosario como si fosse um thesouro immenso. E, todas as manhãs, rezava, com elle, á Virgem do oratorio e ella me abençoava sorrindo.

Certa vez, num dia nublado de Agosto, meu pae abraçou-me, angustiado :

— Meu filho, amas tua mãe?

— Oh! muito...

— Ella está mal. Os medicos já não têm esperanças. Talvez...

E não poude mais falar: o desespero estrangulou-lhe a voz na garganta. Fitando meus olhos innocentes, beijou-me com ternura.

A despeito de minha tenra idade, comprehendi a imminencia da desgraça. Meu organismo fragil quiz succumbir ao peso da fatalidade, mas as palavras do venerando sacerdote vieram em meu auxilio:

— Tem fé e, nos momentos difficeis da vida, pede-lhe, que ella te ouvirá.

Corri ao oratorio e contemplei a imagem da santa: olhava-me com tristeza. Apertando o rosario de encontro ao peito opresso, implorei-lhe que salvasse a enferma. E ella ouviu-me e attendeu-me porque minha mãe, condemnada pela sciencia, recuperou a saude.

Henrique fez uma pausa curta, para, depois, proseguir:

— Passaram-se os tempos. Cresci. Tornei-me homem nas grandes e cosmopolitas cidades, bafejadas pelo grande progreso hodierno. Bebi, sedento, as theorias de Haeckel e seus sectarios e a descrença e a duvida, com a insidia dos entorpecentes, aos poucos, foram-se infiltrando em meu organismo.

Minha cidade natal, o bondoso padre de cabellos brancos, o pequenino rosario, a Virgem meiga do oratorio e todas as reliquias do passado haviam cahido no olvido, desapparecendo, nas tenebrosidades do esquecimento.

E eu sentia, nos nervos, a volupia dos iconoclastas.

Numa tarde tristonha e agourenta de Novembro, em que o céo carregado de nuvens negras e ameaçadoras promettia a passagem proxima do vendaval, o telegrapho, com sua linguagem laconica, trouxe-me a infausta noticia: minha mãe agonizava!

A modesta cidade que me serviu de berço, longe de via ferrea, possuia, apenas, mal cuidadas estradas de rodagem. Não obstante, partir, sem perder tempo, affrontando uma noite caliginosa, de tempestade. O vento, feroz, desesperado, parecia querer arrancar da crosta terrestre as arvores centenarias. Relampagos sinistros illuminavam, rapidos, o espaço, seguidos pelo roncar cavernoso dos trovões. O firmamento denegrido, ao clarão ephemero das faiscas electricas, apresentava a magestade apavorante dos tragicos scenarios dantescos.

Dir-se-ia que a natureza iracunda, por intermedio dos elementos revoltos, em terrivel e preconcebida vindicta, zombava de meu desespero, torturando minha alma saturada de scepticismo. E, no emtanto, o automovel, destemeroso, desafiando-lhe a colera incoercivel, corria... corria, em louca vertigem, pela estrada lamacenta, por entre abysmos de fauces hiantes...

Afinal, cheguei ao fim da longa e penosa jornada. Minha mãe já havia exhalado o ultimo alento, sem que, ao menos, me propinasse sua derradeira benção, ao partir para o além.

E, chorando lagrimas sangrentas, mergulhado em minha dôr acerba, contemplei aquelle rosto pallido que eu tanto amava.

Entre seus dedos, que a morte impiedosa e cruel havia enregelado, divisei o meu rosario, este pequenino rosario, com o qual eu rezava á Virgem, na minha remota meninice.

Surgiu-me, então, deante da retina, a silhueta iconica do virtuoso sacerdote e dizer-me:

— Tem fé, e, nos momentos difficieis da vida, pede-lhe que ella te ouvirá.

Impulsionado por uma força mysteriosa e estranha, corri ao oratorio, caindo de joelhos deante do singelo e revelho altar. Ali estava a imagem da Virgem, a Virgem meiga, que, outrora, ao terminar as minhas orações, me abençoava sorrindo. Seu rosto, bello e candido, depois de tantos annos, tinha a mesma expressão: fonte perene de infinita bondade. Fitei-lhe, longamente, as feições piedosas e, desvairado, lobriguei, nas profundezas de seu olhar dulcissimo, duas lagrimas crystalinas, como o orvalho das roseas madrugadas...

* * *

Quando Henrique concluiu, apertei-lhe a mão, num arrependimento profundo e sincero:

— Perdoe-me, Henrique...

Elle sacudiu a cabeça affirmativamente, com as faces transtornadas por um rictus doloroso: fazia um esforço desesperado para não chorar...

JOÃO SALGADO FILHO

TYPOS POPULARES DO INTERIOR DE MINAS

Os usos e costumes e os typos populares de cada terra sempre foram uma fonte inesgotavel de sadia inspiração artistica.

Aqui estão, nesta pagina, alguns flagrantes de typos que se vêem commumente no sul do Brasil, notadamente nas cidades do interior de Minas: o vendedor de queijo, de doces, de fructas, ambulantes que passam todos os dias, debaixo das janellas, tristes, gritando annuncios-melopéas que constituem os trechos mais harmoniosos da grande symphonia da vida, nos centros populosos do *hinterland* brasileiro.

Foram apanhados e fixados pelo lapis agil de uma artista que começa a revelar-se — a senhorita Odelí Castello Branco, a quem devemos a gentileza dessa pagina curiosa e expressiva.

Os leitores do interior e quantos conhecem a vida das cidades mineiras identificarão, facilmente, nestes desenhos, tão cheios de movimento, os typos de vendedores ambulantes que enchem de sonoridades, ás vezes alacres, ás vezes melancolicas, as ruas tranquillas estiradas ao sol como um lagarto.

O *hinterland* fluminense tambem conhece algumas dessas curiosas figuras que estavam, mesmo, pedindo um lapis sincero como o da senhorinha Odelí Castello Branco.

A DANSA DOS TANGUÁS

... por Eduardo Victorino

A matta adensava-se de instante em instante. A picada que atravessava o espigão, cada vez mais apertada pelo trançado de taquarinhas e gravatá, emmaranhado de vegetação e mais fechado que as caatingas, difficultava a marcha e obrigava os homens que iam na frente a servir-se do facão continuamente, para alargar a passagem.

De quando em quando, o pio forte do macuco ou do ynhambú-assú, cortava o triste silencio da selva.

Um ou outro coatá (1), á nossa approximação, guinchando de medo, marinhava pelos aprumados yatays ou araribás, em fuga desordenada.

Ao alcance de tiro, passavam, por vezes, magnificas torcazes, jandáias e outras peças de caça, de que o sertão brasileiro tem tanta abundancia.

A tarde cahia rapidamente e a temperatura baixava bastante.

Homens e animaes começavam já a sentir os effeitos da longa e penosa caminhada sobre aquelle traiçoeiro, fatigante e fôfo tapete de folhas, através a intermina faixa de taquarinhas e gravatá...

O pessoal, para combater a fadiga e a sêde causadas pela marcha, abusava um tudo-nada, bebendo o ôlônite. (2).

Tornava-se, porém, necessario e urgente, fazer alto e preparar o acampamento antes que anoitecesse; mas não havia meio de sahir daquella garganta de forte vegetação que ameaçava eternisar-se.

A sombra em que vinhamos mergulhados desde que haviamos penetrado no seio da matta, não era de molde a encorajar-nos naquella penosissima marcha.

Finalmente alcançámos uma picada mestra de indios e dali a pouco, ao fazermos uma curva, abriu-se aos nossos olhares satisfeitos um chapadão onde nos seria azado acampar.

Não longe de um grupo de palmeiras de bacaba, — que dá um côco bastante alimenticio e saboroso, — corria um pequeno corrego, cuja agua limpida e fresca convidava a matar a sêde. Uma grande alegria encheu todos os peitos e illuminou todos os rostos. Os mais soffregos correram para o sinuoso curso de agua e sorveram-na com avidez e prazer.

Depois de terem tambem bebido á vontade, as bestas foram alliviadas da carga e postas em liberdade para pastar.

Em pouco tempo o acampamento estava terminado e dispoz-se tudo para a refeição da noite, com o seguinte cardapio: xiró, (3) tatú e anta assados no espeto, palmito cosido e como sobremesa guapevas, airús, tocarys, xique-xique, côcos de yandaya e o delicioso mel do sertão.

Nessa hora, o guia Juramori veiu a mim e disse-me:

— Venha dahi, vou mostrar-lhe uma coisa que o senhor nunca viu, a dansa dos tanguás.

Não me admirei do convite, porque já tinha ouvido falar naquella dansa e dei-me pressa em seguir o nosso guia. Embrenhámo-nos na matta, mas não tardou que, através as grossas arvores, avistassemos uma pequena clareira, naquelle instante povoada por uns vinte tanguás. O tanguá é um pernalto bonito, de movimentos graciosos, plumagem setinosa, pescoço esguio, papeira avermelhada e barbella tirando a roxo e cabeça pequena com longo bico espatulado. Ha tanguás com o peito de diversas côres: do cinza claro ao chumbo carregado; do rosa leve ao branco purissimo, porém, todos elles têm a parte superior das asas muito escura, quasi negra.

Os tanguás que tinhamos ante os nossos olhos encantados, eram verdadeiramente bellos! Collocados em circulo, — como se tivessem sido dispostas por um habil professor de uma academia de dansa, — as lindas aves, agitavam-se a compasso rythmado, marcado pelo proprio canto, conservando a nobreza das attitudes e a eurythemia do largo e ondulatorio movimento das asas.

O canto com que os tanguás acompanhavam aquelles gestos choreographicos, batendo com os pés, alternadamente, numa extranha evocação de qualquer sapateado de baile hespanhol, esse canto não era precisamente de uma melodia agradavel, antes se assemelhava á musica brava e rude de remotas origens indias.

Naquelle bailar havia qualquer coisa do hieratismo das dansas sagradas do Oriente, sobretudo quando um dos magestosos pernaltos se destacou da roda e foi para o meio, levando no bico um pequeno galho de jissára, com o qual principiou a brincar, atirando-o ao ar e aparando-o na quéda, como se aquella mimica fosse o complemento de uma cerimonia pagã.

Os barbaros cantos, na sua inquietude nostalgica, tornaram-se expressivos. As asas pandas dos tanguás, luzindo tons esverdeados, agitavam-se num ininterrupto ondear, como se pretendessem cobrir o segredo insondavel daquelle rito mysterioso.

Num dado momento, do circulo sahiu outro tanguá que foi para o centro substituir, na dansa e no malabarismo com o galho de jissára, o companheiro que voltou a occupar o primitivo posto.

Era um espectaculo de belleza singular e verdadeiramente imprevisto.

A imaginação transportou-me a um paiz encantado, exotico, cheio de mysticismo, onde aquellas aves pareciam estar a render culto a algum idolo excentrico.

Já o sol se tinha sumido de todo e os tanguás desapparecido na densidade da matta, e eu ainda me conservava alli, preso á seducção deliciosa do inesperado e originalissimo espectaculo...

Cercava-me o inquietante crepusculo e o grande e imponente silencio do sertão...

Nos meus ouvidos ainda vibravam os sons da musica do canto rude dos tanguás, cujos movimentos harmoniosos perduravam-me na retina...

Como me sentia feliz naquelle porto de intimidade silenciosa e de divino recolhimento...

---

(1) — Especie de macaco, cuja carne é muito apreciada.
(2) — Bebida fermentada que se axtrahe da mandioca.
(3) — Caldo de arroz temperado com sal.

NESTA festival quadra, em todos os templos da christandade, desde as cathedraes gothicas, que, nas metropoles vertiginosas, erguem, dominando, as suas torres cyclopicas, até ás ermidas simples dos povoados calmos, dos logarejos obscuros, ouvem-se hymnos interessantes, enthusiasticos, em louvor d'Aquella, a quem dois millenios, quasi, testemunham gratidão, dirigem canticos triumphaes, prestam um culto cada vez mais ardoroso e mais universal: Maria, a Mãe de Jesus.

Bastaria esta suave prerogativa: Mãe de Jesus, Progenitora do Christo, para conferir á Virgem todo o direito ao carinho, á ternura da humanidade inteira. Na Historia do mundo e nos annaes da Crença, a personalidade da Senhora se destaca, avulta em superior relevo.

Ha, em sua actuação grandiosa e, ao mesmo tempo, salutar algo de impressionante. Ella infunde respeito, admiração, do mesmo passo que inspira confiança e ternura.

Sempre soube attenuar a grandeza da sua dignidade, com a simplicidade dos seus gestos, com a singeleza commovente das suas attitudes. Dahi, o seu prestigio crescente. Dahi, sobretudo, o amor que lhe tem a humanidade toda.

Contam piedosas chronicas que Suzanna, a linda e culta sobrinha de Gamaliel, o famoso rabino do tempo do Christo, encantada pela Doutrina do Evangelho, embora pertencente a uma familia contraria ás idéas do Mestre, notara, certa vez, ás portas de Jerusalém, a magestade de Maria, que era como uma rainha pelo porte e pela formosura, com a simplicidade de uma criança. Aquillo completou a conversão da bella descendente de rabinos.

(Quadro de FILIPPINO LIPPI)

Maria a mãe de Jesus

(Especial para O MALHO)

ASSIS MEMORIA

No mez de Maio, todos os annos, essa realeza da Soberana eterna mais se affirma, porque mais se reveste de enthusiasmo o seu culto e maiores, mais assignaladas são as mercês que, em chuva copiosa, se derramam sobre os mortaes, os vassalos numerosos da princeza da graça, da imperatriz augusta das misericordias.

Para as soberanas pereciveis ha, quando muito, aquellas rosas classicas do poeta, que duravam, apenas, o espaço fugaz de rapida manhã. Para a Soberana de um augusto e perpetuo dominio o roseiral é perenne, na exuberancia de um jardim, sempre viçoso, sempre em flor. Um Maio continuado, em summa.

Mas a poesia deste mez, que é, em nossa terra, sobretudo, a phase primaveril, o encanto todo de Maio não está sómente na belleza natural, está em nossas almas. Sim, nessas doces reminiscencias, que elle nos desperta, que relembra sempre, com saudades e suaves emoções. Não ha creança a quem não haja sorrido este tempo. Não existe adulto que não o recorde, commovido.

No mez de Maio, — nós o experimentamos, emocionados — em nossa imaginação, ergue-se sempre uma capellinha, uma branca ermida, onde bimbalham sinos, um ambiente cheio de nevoas mysticas de incenso e perfumado de flores.

E, num altar, illuminado com um esplendor sideral, a imagem de Maria, Aquella a quem a nossa mãe da terra nos ensinou a chamar: a Mãe do Céo.

Formoso Mez! Santas emoções, gratas lembranças, na verdade!

O OURO

Agitada e febril, a multidão se comprime na Bolsa de Londres, escrava das fluctuações do ouro.

ELEMENTO ductil e inalteravel, symbolo fascinante da opulencia, allegoria da fortuna publica, o ouro desviou a civilização do seu destino pantheista, modelando o progresso sob o criterio da egologia cambial. Povos antigos e classicos, Israelitas, Phenicios, Persas, Chinezes, Egypcios, Gregos, sentiram como nós a irresistivel seducção do ouro, como os diplomatas internacionaes de Genebra, viveram sob os presagios do seu inexoravel signo. O patriarcha Abrahão e o philosopho Aristoteles, o mystico Buddha e o conquistador Alexandre, não desconheceram o influxo dos metaes preciosos, na vida das sociedades. Plinio, Pausanias, Herodoto, Diodoro, Virgilio, Colombo, falaram do seu poderio de conquista, recordaram episodios das suas lendas, pintaram a sua paixão no espirito do homem.

Herodoto, cujo talento descriptivo se alliava ao amor do pittoresco, relata um acontecimento illustrativo da terra dos Pharaós, por onde se vê o prestigio do ouro, na vida dos proprios monarchas. Embora rei do Egypto, vivia Amasis desconsiderado pelo povo, que elle governava e de quem era soberano, em virtude da sua origem vulgar. Possuia elle uma bacia de ouro, da qual se servia para fins menos delicados e para prestimos menos honrosos. Nella, apesar da sua qualidade preciosa, lavava Amasis os pés, o mesmo fazendo os convivas do palacio. Para dar uma lição ao povo, que o não amava pela linhagem plebea, mandou fundir a bacia e do seu ouro fez modelar um idolo. Pouco tempo após, estando o povo a adorar a estatua, cuja humilde origem desconhecia, se apresentou o Pharaó á multidão e falou: "Eu era plebeu, confessou Amasis, como esse vaso antes era destinado aos usos mais ordinarios. Agora, sou vosso rei. Nada fiz senão mudar de fórma. Merecerei menos honrarias e respeito, do que essa estatua cuja materia é sempre a mesma?". Com essa finura, accrescenta Herodoto, o rei Amasis possuiu a confiança e a estima do povo.

A soffreguidão do ouro, mereceu de Virgilio, o apophthegma de fome maldita. O hespanhol Pizarro trahiu e torturou o inca Atahualpa, para se apossar do seu throno de ouro, avaliado em 25.000 ducados e para lhe exigir uma sala cheia de ouro, até a altura da cabeça de um homem. O ciume do ouro está perpetuamente symbolizado na immortal figura de SHYLOCK.

O trigo, a prata e o ouro, representam a historia dos valores monetarios na sociedade. Padrão do cambio internacional, o trigo serviu de medida basica do mundo financeiro, até o principio do seculo XVI, quando a prata e o ouro prevaleceram como expressões maximas da riqueza particular e da fortuna publica. O commercio internacional, que propriamente não existia, se desenvolveu com a navegação para as Indias e para a America, se ampliou com a éra das colonias européas, nos outros continentes. A locomotiva e o navio a vapor, facilitaram o cambio mundial, entre povos de raças differentes, que se contentavam em commerciar na visinhança das fronteiras. Tratou-se de crear um padrão monetario, que se mantivesse fixo, inalteravel na qualidade e no valor, e pudesse constituir o elemento de permuta internacional. Até 1815, havia na Belgica algumas moedas differentes, e entre ellas, o dinheiro francez corria como sendo numerario nacional. Na Hollanda, reinava a confusão financeira. Cada provincia cunhava a sua moeda regional, sem interferencia da metropole. Pela Lei de 28 de Setembro de 1816, porém, o rei Guilherme procurou unificar o regimen monetario, no territorio hollandez. A necessidade de um padrão economico universal, se impoz ao espirito dos economistas, despertando polemicas as mais apaixonadas. Tendo a França, cujo commercio progredia, estabelecido uma relação entre o valor da prata e o valor do ouro, surgiu entre os philosophos da economia politica, a questão importante de saber, si os governos podem alterar com o recurso da lei, o rythmo da vida financeira.

A insolvencia do mundo moderno, em face da crise do ouro.

Havia opinado Law, que a prata e o ouro não devem prevalecer simultaneamente, no mesmo paiz, como medida basica,

O ouro em barris chegando em Paris, para o Thesouro da França.

DIGERE

sob pena de um dos metaes ser desvalorizado pelo outro. O assumpto apaixonou o publico de Paris, no seculo XIX.

Na SOCIEDADE DE ECONOMIA POLITICA, os financistas discordaram da intervenção artificial do governo, reprovando a fixação por lei, de qualquer valor entre a prata e o ouro. "Tomar como medida do valor commercial das cousas, enunciava Locke, materia que não tem entre ellas relação fixa e invariavel, é como si escolhesse para medida de extensão, um corpo sujeito a se dilatar ou a se encolher. E' preciso, assim, que haja em cada paiz, um só metal, que seja a moeda, o penhor das convenções".

Mirabeau, Cretlet, Forbonnais, Mandinier, e outros, se manifestaram contra o duplo padrão monetario. Preferiram o ouro, o MAIS RARO DOS METAES QUE NÃO SÃO MUITO RAROS, como definiu alguem, e por isso de valor mais estavel.

Outros economistas, Dunoyer, Courcelle, Seneuil, Violik, Chevalier, pretenderam que a prata prehenche melhor, o attributo da invariabilidade. Todas as opiniões não passaram da theoria. Ouro e prata, tem se valorizado e se desvalorizado em periodos diversos. As minas do Perú, Me-

mundo

Por
DE MATTOS PINTO

Especial para O MALHO

xico, California, Brasil, Sumatra, Australia, Bornéo, modificaram a economia do ouro no seculo XIX.

Simultaneamente, occorrendo vultuosa exportação de prata para a Asia, o metal branco se valorizou na Europa e na America.

Em 1859, a prata prevalecia como padrão monetario, na Hespanha, Allemanha, Reino de Napoles, Suissa, Hollanda, Austria.

Qual será a lei dessas variações?

"Quando a prata é commum, sentenciou Montesquieu, o ouro desapparece. Elle reapparece quando a prata se torna rara".

A grande verdade, é que o ouro e a prata, sujeitos aos appetites economicos dos povos, variam com factores, que nada têm de mathematicos.

Enriquecer hoje e enriquecer amanhã, seja ouro ou prata, a moeda, eis a aspiração de todo o mundo.

O metal amarello é a agonia da humanidade, que não sabe como se libertar da sua tortura interminavel.

"Monopolisando certa quantidade de ouro, denunciou Léon Faucher, por qualquer arranjo, uma nação póde obrigar os vizinhos a suspender os pagamentos. Isto é uma arma espantosa, que se dá aos inimigos".

Ahi está toda a philosophia da intriga do ouro no mundo moderno.

Propheta de uma politica do espirito, em substituição ás politicas do trigo e do petroleo, que assolam os povos da Terra, Paul Valery entrevê como origem dos nossos erros sociaes, o afastamento progressivo das condições primitivas da especie.

O homem se afastou tanto da natureza, que elle se tornou a negação completa da humanidade.

Fundindo o ouro em barras

"O Alchimista", quadro de David Teniers, representando o sonho do ouro, cujo segredo a alchimia pretendia desvendar.

Separando o ouro para o exame chimico.

A analyse do minerio aurifero, no laboratorio

MAE WEST É A MULHER MAIS BEM FEITA QUE JAME DAVIES viu até hoje

FALANDO de Mae West, que o publico carioca vae ver e aplaudir em "Santa não sou", um dos grandes filmes da Paramount, James Davies, seu masagista, disse recentemente o seguinte:

"Na minha opinião ella é a mulher mais bem feita que jámais viram meus olhos. A figura esbelta, masculina, das mulheres, que até hoje teve voga, representa um erro absoluto. Além disso, em extremo prejudicial á saude feminina. O que é natural, é as mulheres terem curvas. Sem ellas, perdem a sua maior seducção. As medidas de busto e ancas devem corresponder á justa, com a linha de cintura proporcionalmente menor.

As medidas anatomicas de Mae West:

Altura, 1 m. 62; peso, 54 k. 600; busto, 91 cms. 5; Ancas, 91 cms. 5; cintura, 66 cms.; artelhos, 21,5 cms.; coxas, 49,5 cms.; pernas, 24 cms.; joelhos, 24 cms.

Agora que Mae West revolucionou a moda da anatomia feminina, substituindo as linhas retas pelas sadias curvas feminis, podem as mulheres comer sensatamente, sem necessidade de dietas que as dizimem até que fiquem na moda.

Falando do ponto de vista de um cultor fisico que tem tratado as mais conhecidas atrizes de Hollywood, dou por minha opinião que Mae West fez ás mulheres de todo o mundo um imenso beneficio. Por sua influencia, ella fez mais do que nenhuma outra pessoa em favor da boa saude das suas co-irmãs.

Não só porém pelas suas medidas fisicas: por muitos outros motivos Mae West é uma mulher modelo. Não fuma, nem bebe. Bebe, sim, imensas quantidades de leite, o que bem sabe ajudar a conservação dos seus lindos dentes.

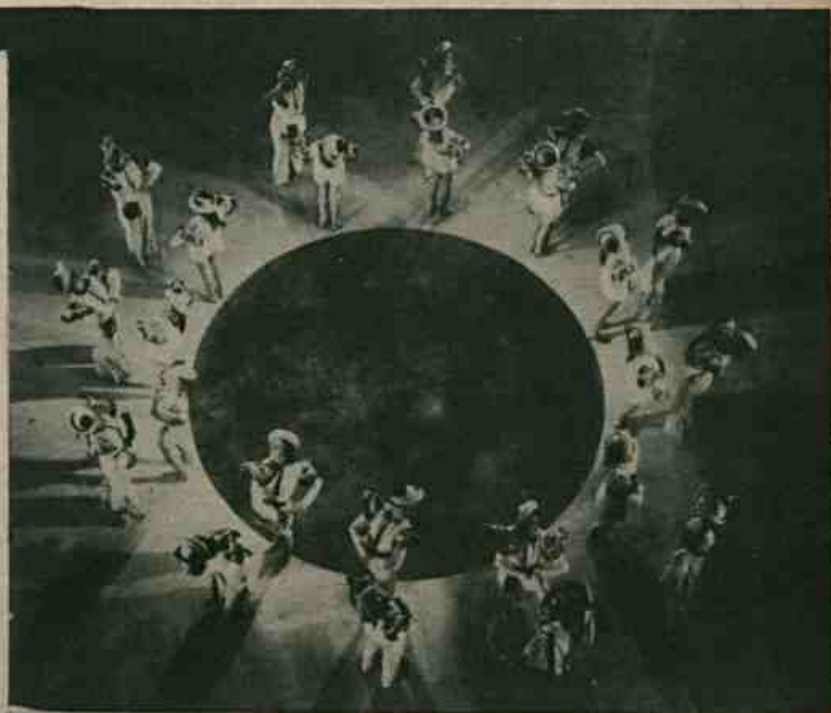
O training de Mae West não era entretanto só trabalho. Era tambem divertimento, pois do seu natural Mae West é tão engraçada como no écran aparece. Nem por isso deixa porém de absorver-se no que está fazendo, e quando emprende fa-lo á perfeição embora de quando em quando alterne com pilherias a execução da sua tarefa.

DE CINEMA

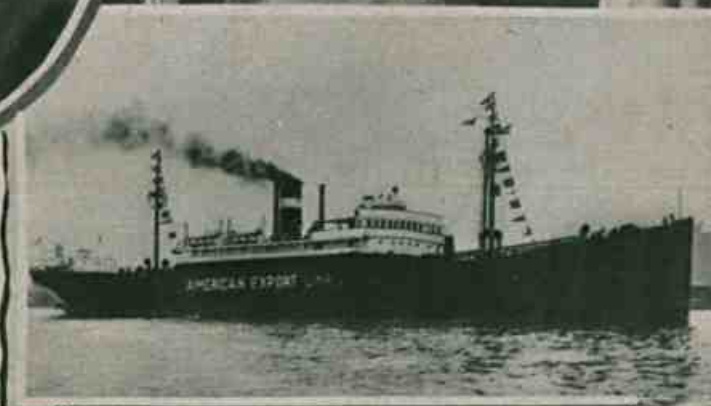
Por MARIO NUNES

O automovel obrigatorio

NÃO se compreenderia um ator ou atriz de cinema sem um automovel por ele ou ela mesmo guiado. Ai estão nos seus carros de luxo, dotados de todos os aperfeiçoamentos, Mirian Jor-

dan, Harvey Stephens e Spencer Tracy, artistas da Fox que o nosso publico estima e vae aplaudir em numerosos filmes, no decorrer da temporada.

A Ufa Continuará no Cartaz

DEPOIS da Guerra das Valsas promete-nos a Ufa mais duas obras primas *Delirio do ouro* qualquer cousa tão impressionante como *Metropole* pois que focalisa a fabricação do ouro sintetico, invenção que dementará a humanidade; e *Georges e Georgette* opereta-féerie de uma alegria transbordante com Meg Lemonier e Carette.

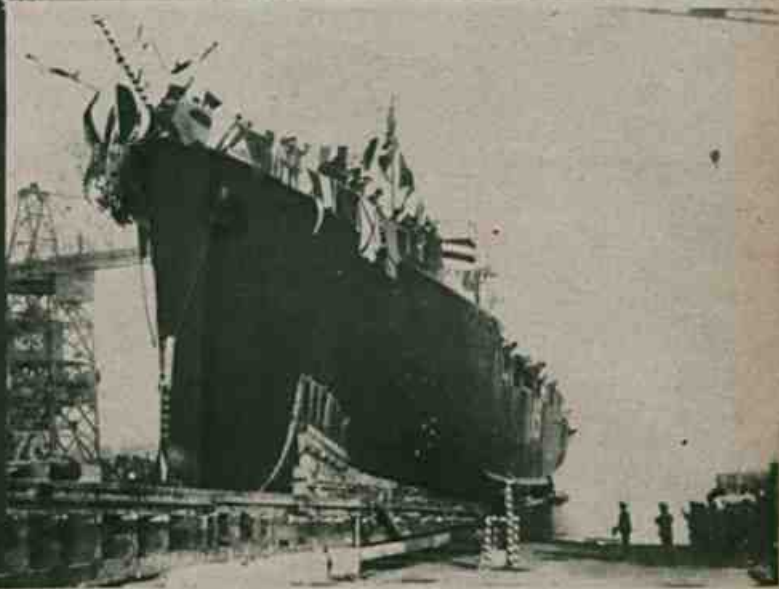
O MUNDO

TRISTE REGRESSO — O capitão Wanzel Habel, commandante do "Exilona", o paquete americano a cujo bordo viajou para Boston (E. U.) o banqueiro Samuel Insull, que está respondendo a processo perante a justiça.

O "Exilona" fôra a Smyrna buscar o famoso aventureiro. Noutra photo, a cabine que Insull occupou no "Exilona", que se vê em baixo.

QUE SERA'? — O Dr. William A. Wirt (á esquerda), educador em Gary (Estados Unidos), e o senador James A. Reed, photographado em frente á Casa do Conselho Judiciario.

O Dr. Wirt foi alli depor sobre o caso em que está envolvido um agente dos Soviets em Washington.

NA TERRA DOS SAMURAIS — Japonezinhos nascidos no Brasil em visita ao Ministro de Estrangeiros, Sr Riotaro Nagai.

Os garotos ficaram encantados com o Japão, que elles nunca tinham visto.

A MARINHA DO JAPÃO — O rapido caça-minas "15", o mais novo dos navios da esquadra japoneza. Instantaneo tirado em Osaka por occasião de ser lançado ao mar. Centenares de officiaes da Marinha nipponica e civis saudaram enthusiasticamente o baptismo do "15".

EM REVISTA

NA "CASA BRANCA" — O Presidente de Haiti, Stenio Vincent, foi pleitear junto a Roosevelt a desistencia, por parte dos Estados Unidos, de controlar as Finanças haitianas. Aqui vemos os dois Presidentes na "Casa Branca" se darem as mãos amigavelmente. Pela primeira vez a Republica estrellada hospedou um Chefe de Estado haitiano.

DESCENDENTE DE HEROES — René de Chambrun, neto de Lafayette, o heróe francez que, com uma phalange de soldados intrepidos, auxiliou os Estados Unidos a proclamarem a sua independencia. René, que tem 27 annos e é diplomado em direito pela Universidade de New York, acaba de ser homenageado pelo Governo da grande Republica, que lhe outorgou direito de usar o titulo concedido ao marquez, em 1784: "Cidadão da America".

ABAIXO A GUERRA! — Membros da Liga Nacional de Estudantes fizeram um meeting de protesto contra a guerra, reunindo-se na escadaria da Livraria Widener, em Harvard (Estados Unidos). Mas tão louvavel emprehendimento não agradou a todos. Ouviram-se gritos de "Viva a guerra!" tambem. Houve tumulto. A Policia compareceu. A Assistencia foi chamada...

ONDAS GIGANTESCAS — Em 7 de Abril, um enorme bloco de pedra, pesando milhares de toneladas, rolou para o mar, proximo da aldeia de Tafjord (Noruega). Com a quéda, as aguas encapellaram-se e formaram-se vagas de proporções fabulosas. Pereceram sessenta pessoas e seis casas ruiram.

ABERTURA DA PORTA SANTA — Pio XI procedendo com o martello de ouro á abertura da porta da Cathedral de S. Pedro. A cerimonia, que foi assistida por milhares de sacerdotes, e mais de 50.000 fiéis, teve logar em 2 de Abril ultimo. Terminado o ritual, S.S. deu a benção aos presentes.

Aspectos das cidades e das ruas do Japão (Conclusão)

ratura ambientes. Os elevadores não sendo sufficientes para darem vasão ao flúxo de freguezes que sobem e descem, ha um conjunto auxiliar de escadas rolantes, em continuo funccionamento.

O movimento nos **department-stores** é sempre intenso e alguns, como o colossal Takashimaya, de Osaka, são frequentados diariamente por 50.000 pessoas.

Ha secções para cada genero de artigos, sob a direcção de um gerente, auxiliado por encantadoras **vendeuses.**

Na secção de roupas para banho de mar ha todas as tardes, no verão, um desfile de lindas japonezinhas, a exhibirem numa parada de elegancia os ultimos e mais atrevidos modelos de **maillots.**

Na secção de mineraes encontra-se uma variedade immensa de pedras, cada qual com a sua significação symbolica e as suas "virtudes moraes" caracteristicas.

Na secção de generos alimenticios predominam os peixes e os **bentos** — pequeninas caixas de madeira ideaes para pic-nics e excursões e contendo um guardanapo de papel, dois bastonetes, um palito e uma refeição completa: arroz cosido, peixe, legumes.

Ha nos **departament-stores,** cinemas e theatros, de entrada franca e **hanashikas** que divertem as creanças contando-lhes historias apropriadas. No **roof-garden** funcciona um parque de diversões, gratuito. E em todos os andares ha restaurantes de systema japonez ou europeu, a preços reduzidos e por isso mesmo repletos a qualquer hora.

✣ ✣ ✣

As cidades japonezas são mais lindas e attrahentes de noite do que de dia.

De dia aquelle immenso conjunto de casinhas de madeira escura e telhados cinzentos causa-nos forte impressão de tristeza que desapparece á noite com a illuminação geralmente profusa das ruas e das lojas.

A um canto do "roof-garden", duas graciosas japonezinhas fazem a "cama-de-gato".

A vida nocturna no verão e na primavera é intensissima. O commercio fecha ás 10 horas ou á meia noite. Os cafés, os bars, as casas de chá, os restaurantes, os **parlour-refreshments,** os **dancings,** os cinemas, os theatros enchem-se. O **footing** nocturno na Jinza de Tokyo, no Dotombori de Osaka ou no Shijo, de Kyoto, é tão concorrido quanto o da nossa Avenida Central, aos sabbados de tarde. De dia o japonez trabalha e soffre, mas de noite elle se distrahe e se diverte.

A feérica illuminação dos letreiros de neonio; os reflexos polychromicos dos cafés nas aguas placidas dos rios; os passeios, pelos canaes, em barcos enfeitados de flores e luzes, são outros tantos attractivos nocturnos que nos offerecem as cidades do Japão.

Creanças japonezas jogando a "amarella" num dos parques de diversões do "roof-garden".

✣ ✣ ✣

O costume das ruas não terem nome e das casas não terem numero complica bastante a perplexidade de um estrangeiro que marca um encontro ou procura um amigo.

Se nós nos aventurarmos a passear pelas ruas de uma grande cidade japoneza, havemos fatalmente de nos desnortear. E se, em desespero de causa, nós nos dirigirmos a um desses policiaes, de luvas brancas, postados nas esquinas e lhe pedirmos que nos indique o caminho, elle nos ouvirá sorridente, para logo depois telephonar á Policia Central communicando que "um estrangeiro se perdeu". Nenhuma informação porém nos prestará ácerca do que tivermos perguntado — seja por não nos ter comprehendido, seja por suspeitar de que estejamos nos livrando a algum trabalho de espionagem.

HENRIQUE PAULO BAHIANA

Os cysnes cantam...

Inédito, de HENRIQUETA LISBOA

Os cysnes cantam na distancia da minha alma.
Os cysnes cantam quando vão morrer...

Gondolas frágeis, côr de luar, sobre a agua calma,
deixaram rastros côr de sol, no entardecer.

Tombam violetas docemente na penumbra.
E a minha vida cada vez é mais profunda.

A' superficie, nas lagoas silenciosas,
ha brumas tenues como petalas de rosas.

Nos campos nús onde não houve searas,
raizes bruscas e incisivas como garras,

na hora suprema da agonia ainda se estorcem,
porque passaram a existencia junto á morte.

A noite desce sobre os valles. Da distancia
chega o éco surdo, melancolico, sem ansia,

de uma canção que já parece de além-tumulo.
Esta canção por muito tempo andou sem rumo...

Por isso as notas são tão fracas e tão tristes,
que a gente pensa num desmaio de alvos cysnes.

Os cysnes cantam... Que infinito anoitecer!
Os cysnes cantam quando vão morrer...

Talvez minha alma seja um cysne que se esquece
a tiritar de frio sobre os verdes lagos...

E os outros cysnes são os meus irmãos em prece
pedindo a Deus que tenha pena de minha alma.

A VIDA COPIA O ROMANCE

Quando se quer dar a impressão de que a rigueza só anda atraz dos ricos, costuma-se dizer: a agua só corre para o rio. Em assumpto de sorte, porém, andam as coisas agora desencontradas. Então, ultimamente, o caso dá o que pensar. Em França, a ultima extracção da grande loteria do Natal, em vez de contemplar um banqueiro do Crédit Foncier ou um argentario da rua de La Paix, deliberou humildemente ir ao encontro de um barbeiro modesto, revelando-lhe o sabor de possuir alguns milhões de francos. No Brasil occorreu cousa semelhante. Desprezando os magnatas do café, do assucar, do algodão, dos tecidos o grande premio de loteria do Natal sumiu-se para o interior de S.Paulo, indo tirar o somno calmo, pacifico de um innocente chefe de estação ferroviaria. Já não se póde dizer que a agua corre sómente para o Rio...

Todo o Brasil soube disso. O que muita gente não sabe é dos episodios que coroaram a inesperada sorte do chefe da estação de "Lauro Muller" o millionario Godoy. Ha numa das obras primas do romance de Machado de Assis um capitulo "O Almocreve". Esse capitulo é simplesmente delicioso. Um homem, atravessando caminhos, caminhos desconhecidos, metteu-se por um atascal e viu-se, de repente, em situação difficil, bastante difficil mesmo. Julgava-se já perdido. Prometteu a si mesmo dar os dois saccos de luizes de ouro que conduzia a quem quer que o salvasse naquella emergencia.

Não tardou que apparecesse a mão providencial. O homem foi salvo por um camponez. Seu primeiro pensamento foi cumprir aquillo que tinha promettido a si mesmo e dar os dois saccos de ouro ao seu salvador. Reflectiu, porém, e sentiu que a dadiva era excessiva. Com um sacco apenas o camponez já ficaria bastante agradecido. Dois minutos se passaram nessa indecisão. Ao cabo desse tempo, o almocreve convenceu-se de que, com um luiz de ouro apenas já o homem ficaria satisfeito. Ia gratifical-o com o luiz de ouro; mas, encontrando no bolso uma moeda de prata, deu-a ao homem que o havia salvo e tocou-se para adiante. No curso da estrada voltou-se para ver o effeito de sua mesquinharia e encontrou o camponez radiante, agradecendo aquella doação. Lembrou-se então que possuia no bolso uma moeda de cobre. E ficou desolado por ter desperdiçado a moeda que luzia de longe na mão do camponez agradecido...

—o—

Acostumado a lidar com pouco dinheiro na sua estação de "Lauro Muller" o millionario da loteria viu-se em difficuldades para contar todos os pacotes que lhe foram enviados para pagamento do premio que lhe sorrira na loteria do Natal. E requisitou então dois funccionarios do Banco para procederem á contagem daquelles fabulosos dois mil contos. Durante horas os dois deligentes **experts** da contagem levaram a manusear e a sommar aquellas cedulas até chegarem á importancia exacta do premio que o Sr. Godoy abiscoitara.

Depois de um trabalho penoso arrumaram cuidadosamente os pacotes e entregaram ao millionario a somma da contagem: aquelles dois mil contos com os quaes muita gente sonhou.

O felizardo, então, desfazendo um daquelles pacotes que tanto trabalho deram para contar, tirou uma nota de cem mil reis e offereceu-a aos dois peritos. Com um escrupulo natural, os funccionarios se excusaram delicadamente a receber a gorgeta, indicando, então, para beneficiario, o continuo que os ajudára na contagem.

O novo millionario não teve duvida em attender á indicação. Guardou os cem mil reis e tirou do bolso uma nota de vinte, passando-a ao continuo ali presente.

Esse caso, bastante expressivo, inscreve-se como um delicioso episodio de psychologia humana na historia do grande premio da Loteria do Natal de 1933.

Instinctivamente a gente se lembra do caso do almocreve tão seguramente descripto pela pena de Machado de Assis.

Não da duvida: á vida copia o romance.

O bicho-homem está sujeito a dois estados psychologicos. Um que não interessa porque se suppõe ser muito commum. Outro que se torna "interessante" pelo seu aspecto comico compassivo. São os estados consciente e o inconsciente. No primeiro, a acção é regulada sob o contrôle do cerebro, mais ou menos activo, ao passo que, no segundo, o homem age com o cerebro descontrolado. Neste ultimo caso devemos incluir a privação de sentidos, a loucura e a embriaguez.

Todo corpo animal assemelha-se a uma machina, tendo o cerebro por machinista, funccionando com combustiveis diversos e apropriados. Mas justamente o combustivel que mais adequado se tornaria para um motor sem cerebro, torna-se o mesmo indicado para o que é governado pelo cerebro. Trata-se do alcool em todas as suas manifestações, mas sempre efficaz para a machina e ruim para o machinismo.

Ignora-se quem foi o descobridor do alcool, pois foi elle o primeiro a ignorar-se a si proprio logo que experimentou seus effeitos.

A synonymia da embriaguez é extensa, rica em modalidades, de accordo com suas gradações. Temos, assim a bebedeira, a carraspana, a mona, a camoéca, a chuva, o alcoolismo, a borracheira, a fumaceira, e por pouco que saiamos do nosso idioma, tão maltratado por ortographia antiga, moderna e salteada, iremos pescar na Oceania e espantoso vocabulo: **kata-xerbkyuass**, cujo significado é "loucura provisoria".

O individuo, sob a acção do alcool, muda de estado psychologico. Bebe-se para "matar o bicho", maguas, para esquecer a ingrata. Quem está alegre quer ficar ainda mais alegre, os tristes querem afogar sua tristeza, os alegres ficam macambuzios. Bebe-se por qualquer motivo ou sem motivo algum. Os suicidas o fazem para adquirir a coragem que não possuiam para enfrentar as vicissitudes da vida.

Realmente, são tantos os pretextos para beber que só não bebe quem já morreu afogado na bebida que ingeriu. Episodios, anecdotas pullulam sobre este estado "interessante" que é a carraspana. Os maridos traidos ou traidores voltam naquella cerração alcoolica que os faz acreditar de não estarem mais neste mundo. Esquecem a mulher, a sogra, as dividas, as necessidades, os insultos, as aperturas da vida cachorra, voltam p'ra casa aos boléos, aos cambaleios, soltam bafos dos mais caprichosos compostos alcoolicos na cara da cára metade e atiram-se na cama ou em baixo della.

Outros, que no espirito engarrafado pensam encontrar a presença de espirito, tornam-se estupidos e perdem a cotação, ao passo que houve e haverá homens geniaes como Verlaine, De Musset, Edgard Allan Poe, Oscar Wilde e outros que só elaboravam suas creações quando completamente dominados pelos vapores do alcool. Para muitos o alcool é o inspirador, o aspirador, o transpirador e o... expirador.

Do lado anecdotico o campo é fertil em pilherias.

Certo maridinho bebericão quasi sempre, ao regressar ao lar, encontrava a porta trancada.

— Mulher, abre a porta, trago aqui um frasco de vinho.

A mulher, que tambem gostava da agua que passarinho não bebe, ia abrir, solicita.

— Cadê o vinho?

— Aqui na barriga — respondia o marido.

Signal semaphorico do "pau d'agua" é a tumescencia encarnada do nariz, que assume o aspecto de lampada encarnada de laboratorio photographico.

Muitos "paus d'agua" quando entram no liquido elemento vêem tudo dobrado, razão por que, uns, vendo duas pessoas á frente, procuram passar pelo meio, atropelando a unica pessôa. Outros emendam-se porque, em lugar da propria mulher ou especialmente da propria sogra, vêem duas. Um caso serio!

Muitos acreditam mesmo que a Terra está rodando e que são elles o eixo do mundo.

Tudo dansa e elles, para acompanhar o movimento, dansam tambem. Cáem, mas o mundo está de pé. Tornam-se expansivos, sentimentaes, comunicativos, e contam a verdade... **in vino veri tas.**

Naturalmente, nem todos conseguem attingir o ponto culminante da carraspana... **non licet omnibus adire Corintho** (não são os omnibus da Light que hão de ir na Corrente). Precisam sempre augmentar a dose, mas acabam embaralhando acções e palavra, engrolando e dormindo onde cahirem, ou cahindo onde dormem.

A geometria de marcha dos bebados é caracteristica, linha curva, mixta, zig zagante como os raios, até passar a trovoada.

O maldito buraco da fechadura nunca coincide com a chave, que muitas vezes é o charuto, a caneta tinteiro ou coisa que o valha, de accordo com a fumaça que lhe vae no miôlo.

Os melhores amigos dos bebados são os lampeões, os postes ad Light, as arvores, que os amparam nem sempre opportunamente.

Lima Barreto, que vivia nesse mundo de fantasias alcoolicas, andava sempre prompto em "arame" e prompto p'ra outra, um dia achou no chão uma nota de cinco mil réis.

— Christo é da familia Lima Barreto! — exclamou — Só por ser meu parente é que me ajudou.

Um borracho foi levado á presença do delegado da zona.

— Qual é a sua profissão?

— Litrographo — respondeu o interrogado.

O saudoso e saudavel Emilio de Menezes, cuja capacidade material equivalia á capacidade intellectual, foi convidado a fazer, ali no Paschoal, um epigramma.

— Epigramma? — admirou-se o poeta — Só se fôr um epi-litro ou epi-garrafa.

Bebericar é um habito, assim como pinicar, beijocar, pipocar, etc., e um pau d'agua que se preze não deixará de visitar tantos botequins tascas, bars, tabernas, se acharem pelo caminho, quantas estações daqui a S. Paulo, mesmo sem parada obrigatoria.

São molhados que estão sempre seccos, esponjas sem fim, baldes sem fundo.

A horas tantas, quando o bandulho, encharcado ameaça transbordar, abrem a torneira dos desabafos, desaforos engrolados, apanham, matam, comettem asneiras e depois não se lembram mais de nada. Ainda, depois de alguma grossa asneira que os levou á barra do tribunal têm a felicidade de serem soltos por privação de sentidos.

E' facil reconhecer a bebedeira... nos outros. Quem bebe trinta só diz que é bebedo quem bebe cincoenta, e para demonstrar está prompto a ficar sobre um pé só sem cahir, porque já está estendido no chão.

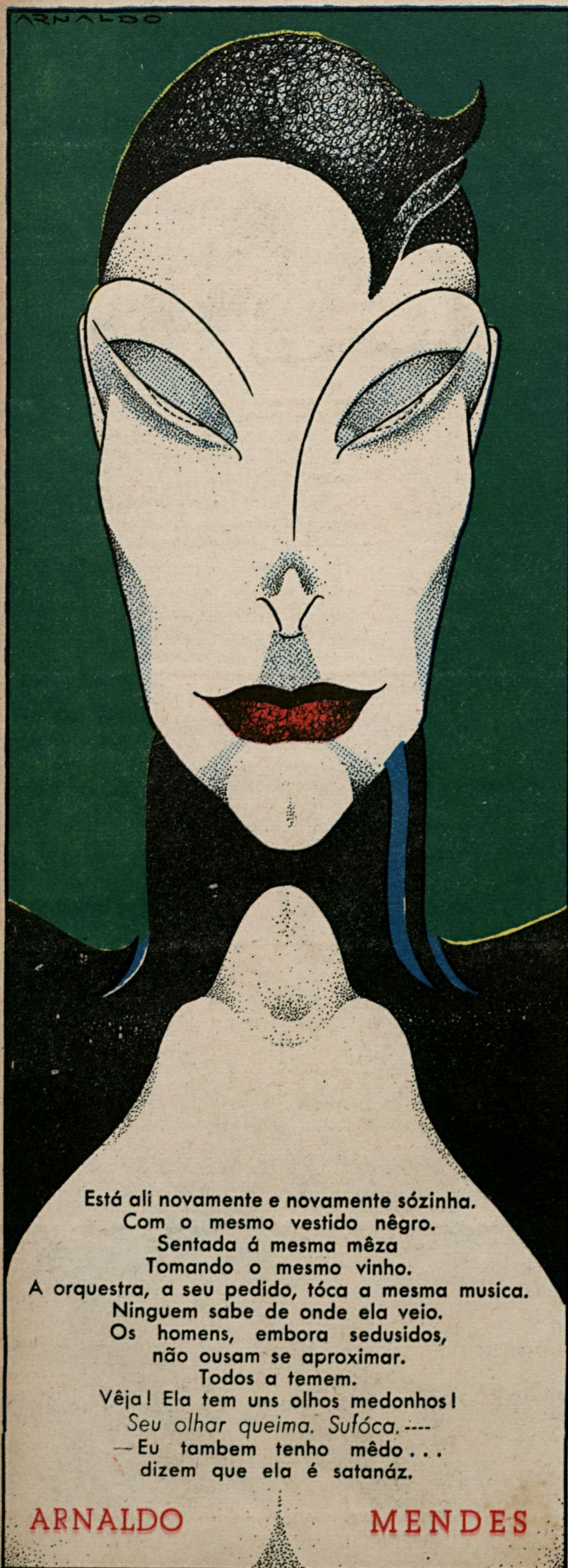
Se apenas tomam um calix neste botequim, outro naquelle, só ha em cada um quem diga tel-o visto tomar um calix, apenas. Seguil-os por todos os botequins da cidade e suburbio, de Olaria a Copacabana, é um caso serio.

Tambem só circulam por lugares onde ha tascas.

Polichinello não queria embarcar porque sabia que no mar não havia tabernas.

Acabemos aqui porque estou secco.

MAX YANTOK

O caminho percorrido por um bebado

O IMPEDIMENTO

(O cenario é um alpendre. Pequena mesa de centro. Sobre a mesa pequena, livros e um album de artistas da téla. Cadeiras. Vasos com begônia e tinhorão, a um canto. Paulo lia os jornais da manhã, quando sua mãe entrou).

LUIZA — Trago-te uma bôa notícia, Paulo. Tua companheira de folguêdos, de meninice, tua prima Lili chega hoje.

PAULO — Hoje?

LUIZA — No expresso das 6 e 30, conforme o telegrama que agóra recebi.

PAULO — Tenho vaga recordação de Lili. Deve estar muito bonita.

LUIZA — Muito. Se tivesses obtido licença e me acompanhado no passeio que fiz em Janeiro a Marselha, poderias agóra afirmar que tua prima é realmente bonita.

PAULO — Mas que idéa essa que ha vinte anos tiveram meus tios de residir em Marselha. Tão longe!

LUIZA — Quando se quer, do longe se faz perto. Principalmente quando se tem uma prima...

PAULO — Com uns olhos azues...

LUIZA — Olhos azues?! Castanhos, filho, muito castanhos.

PAULO — Muito clara, comprida, angulosa...

LUIZA — Nada! Nada! E' morena, de um moreno claro, assetinado.

PAULO — Deve, então, ser baixa, roliça...

LUIZA — Que roliça! E' até um pouco alta. Nem magra, nem gôrda...

PAULO — Deve ser assim uma Kay Francis...

LUIZA — Mais ou menos.

PAULO (*depois de folhear um album, mostrando*) — Parece mesmo com Kay? Olhe...

LUIZA — Talvez mais bonita.

PAULO — Já se vê que nos casaremos mesmo. Eu sempre gostei da Lili, sempre... Tanto assim que nunca tive um *flirt* na vida.

LUIZA — Tambem a Lili tem regeitado vantajosos casamentos por tua causa. E toda a sua vocação para as letras deve ter como causa... aquêle priminho dos brinquêdos da infancia. E, por falar em letras, tens lido as últimas cartas de Lili?

PAULO — Tenho lido todas as cartas de Lili. São poéticas, descritivas, verdadeiras peças literarias. Na última, agradaram-me as descrições do antigo Palacio Longchamp, hoje convertido em Museu; do célebre Santuario marselhês com sua capela em estilo romantico-bizantino; de sua imagem de prata da Virgem com o Menino Jesus, obra maravilhosa do escultor Chanuel. Inegavelmente, Lili é um talento.

LUIZA — Digna de ser a espôsa de meu filho.

PAULO — Sim. Digna do meu amor.

—:—:—

Dias depois. Noite de plenilúnio, maravilhosa de luz, de poesia, de encantamento.

LUIZA (*No mesmo alpendre*) — Que impressão te deixou Lili?

PAULO — Nem bôa, nem má.

LUIZA — Não a achaste bonita?

PAULO — E' uma creatura vulgar, pouco simpática. Um contraste com Kay Francis.

LUIZA — Sempre a mania do cinema.

PAULO — Mamãe mesma foi quem disse que Kay e Lili eram parecidas.

LUIZA — Não disse tal. Mas deixemos êsse assunto de atrizes e de cinema. Vamos ao nosso caso.

PAULO — Que "caso"?

LUIZA — Do teu noivado, do teu casamento com a Lili.

PAULO — Casamento?!

LUIZA — Não querias tanto...

PAULO — E'... eu queria... Mas não me lembrava do impedimento.

LUIZA — Impedimento?! Até agóra não havia nada.

PAULO — Um grande impedimento: Lili é minha prima.

LUIZA — Isso nunca foi impedimento.

PAULO — Para mim é, mamãe. E grande.

LUIZA — Isso é desculpa. Dize com franqueza. Amavas Lili sem a conhecer. Admiravas-lhe o talento, julgava-a formosa, simpatica, mas a presença de minha sobrinha...

PAULO — Desfez as minhas ilusões. E, cá para nós: Aí foi que surgiu o impedimento.

ORLANDO DE SOUZA

Um aspecto nocturno da Praça Castro Alves

O novo elevador Lacerda, que liga a cidade baixa á cidade alta

Um aspecto diurno da Praça Castro Alves

BAHIA, ONDE O BRASIL NASCEU

Zé Maria

HENRIQUE MACHADO

JOSÉ MARIA DE ASSUMPÇÃO REBOUÇAS, mais conhecido por "Zé Maria", verdadeiramente é um tipo exótico e, ao mesmo tempo, merecedor de lastima. A historia de sua vida foi-me contada certa noite de bohemia. Estavamos, eu e mais dois colegas de turma, a deliciar um duplo de alourado "chopp", quando êle passou por nós, chamando para si a nossa atenção.

Eu, até esse momento, nada sabia de sua existencia. Apenas o conhecia de vista. E me entristecia ao vê-lo macambuzio e sorumbático, mal vestido, o mais pobremente possivel. Algumas vezes, em plena rua, parava, olhando para um ponto qualquer e ensaiava uns movimentos de revolta. Punhos cerrados, os músculos da face contraídos, os olhos fusilando, todo êle infundia um certo pavor, mixto de compaixão. As crianças fugiam, alguns homens o olhavam de soslaio e outros paravam a contemplar os seus gêstos esquisitos, com um sorriso atravessado nos labios. Em qualquer ponto dormia, fosse na soleira da porta de alguma casa comercial, nalgum predio em construção, nalgum banco de jardim ou mesmo, até, sob alguma inféta ponte. A ninguem incomodava. E as pretas velhas, embalando as crianças, para amedrontá-las repetiam o nome do "Zé Maria".

E, quando êle passou por nós, nessa noite de bohemia, um dos colegas, depois de encher o duplo e achegar a sua cadeira para mais perto da mesa, começou a contar a historia do "Zé Maria".

José Maria de Assumpção Rebouças conseguira vencer na vida. Descendente de portugueses, trazia no sangue uma inclinação tenaz para o trabalho. E não sabia esbanjar o fruto do seu suór, como os moços do seu tempo. Pelo contrario, toda a sua vida eram negocios, transações, vendas de titulos e corretagem. O seu dinheiro, dia a dia, aumentava. Quando alcançou uma posição de certo destaque e algumas centenas de contos de réis, entrou para uma firma importadora. Aí, venceu. Foi adiante. Estabeleceu-se sózinho. Conquistou o que toda a vida sonhára: fama e dinheiro. Dinheiro, mas dinheiro a rôdo. Todo êle alcançado de modo o mais honesto possivel.

E êle, já homem feito, admirava-se por não ter casado. Tambem, mulheres não lhe faltavam. "Cherchez la femme..." repetia constantemente, nas rodas de amigos. Porém, não perdêra de todo a sua ilusão de moço: ter um lar. Mas, para isso, era necessario uma "mulherzinha". E, então, na sua mente doentia de romantica, desenhava-se a deusa de seu sonho. Ás vezes, em meio do trabalho, entre a correspondencia volumosa que diariamente recebia, ficava como que a sonhar, a esculpir mentalmente a mulher que ambicionava.

Um dia (ha sempre um dia em toda a historia), numa reunião qualquer, ficou conhecendo a Ignez Marcondes. Da simples apresentação a uma quasi amisade, foi obra de um momento, de uma frase galante, de uma taça de "Champagne" e de uma lua romantica. Da quasi amisade a um solido amor, o... dinheiro. "Cherchez la femme..."

Passaram-se mêses e o amor, continuou. Viviam juntos: ela, com todos os traços da mulher sonhada; êle, o tipo perfeito do eterno romantico. Em seu cérebro, agóra, um pensamento o remoia: casar-se com Ignez Marcondes. Mas isso era uma cartada arriscada. Arriscadissima. Não queria ter desilusões. Em todo o caso, iria pensar. A idéia do seu dinheiro, porém, o incomodava. Talvez ela o quizésse apenas pelo conforto material que êle lhe proporcionava.

Assim pensando, certa vez, chamou o Anastacio Guedes, seu confidente em negocios de amor, e expôz-lhe o caso. Anastacio, amigo de infancia, acostumado a dar conselhos, ouviu-o e sentiu-se embaraçado em dar a sua opinião. Iria pensar. Cousa igual, só mesmo depois de muito pensar.

— Francamente, é um caso que só mesmo você poderá resolver. Não quero que você mais tarde diga que foi culpa minha. Em todo o caso...

Dias depois, Anastacio Guedes chamou-o e externou-lhe o que imaginára:

— Você, se quizer ter a certeza do amor de Ignez, deve fingir-se arruinado. Está ouvindo? Arruinado... sem vintem.

— Como?! Isso é lá possivel?!

— Facilimo. Você deverá passar algumas letras de uma divida imaginária a um seu amigo... em quem você confia plenamente. Ouviu?

— Depois...

— As letras vencem, você não tem dinheiro para pagá-las e...

— Falencia?!

— Isso. Porém, você escolherá uma pessôa de inteira confiança que, passado o momento, lhe devolverá o dinheiro...

— Depois, se ela quizer continuar a viver comigo, casar-me-ei com ela... Não é isso?

— Exato.

— Muito bem. A pessôa a quem passarei as letras é você.

Certa manhã, em letras garrafais, os noticiarios declaravam a falencia de José Maria de Assumpção Rebouças. Cotações de bolsa, dividas fluctuantes, confiança demasiada no tirocinio profissional, foram a causa do desastre. De uma hora para a outra, um milionario batia ás portas da miséria.

Estava sem vintém.

Com um jornal na mão, depois de desalinhar o cabêlo e desabotoar a gravata, ensaiando gêstos tragicos e lagrimas nos olhos, José Maria de Assumpção Rebouças entrou no quarto de Ignez Marcondes que plácidamente dormia.

Foi uma explosão. Agua fria em ferro em brasa. Indecisão.

— Você fará o que quizer. Estou pobre. Nada mais tenho, a não ser o imenso amor que me une a você. Talvez, porém, você não queira continuar comigo. Está no seu querer. Está ouvindo? Você tem um dia todo para resolver. São 8 horas. Amanhã virei buscar a resposta.

— Sim.

Para êle, as horas entre esse momento e a manhã seguinte, foram seculos. Seu cérebro trabalhou demasiadamente. Rugas profundas sulcaram-lhe a fronte. Quando o relógio indicou o mostrador na hora marcada, êle levantou-se e foi ao quarto de Ignez. Bateu á porta. Nada. Silencio apenas. Tornou a bater. Depois, virou o trinco, empurrou a porta e entrou. Ela não estava. Num relance, seus olhos se dirigiram para todos os cantos do quarto. Ansioso e indeciso, deu uns passos. Ficou estatelado. Mudo. Olhou para a cabeceira da cama. Lá estava um papel com algumas letras. Correu a pegá-lo. Leu-o.

"Adeus. Não posso continuar. Iria soffrer, e muito. Desculpe-me. Ha mais mulheres..."

Não poude continuar. Seus olhos marejaram-se de lagrimas. Sentiu as pernas bambas e sentou-se. A cabeça foi se tornando cada vez mais léve e um zinido horrivel o atormentava nos ouvidos. E estáva assim, quando ouviu o tilintar da campainha da rua. Dai a pouco, uns passos apressados na escada. Deepois, o bater cauteloso na porta do quarto. Levantou-se e foi abrir. Era o creado com um telegrama.

Indiferente, quasi alheio a êle, começou a abri-lo e relanceou os olhos nas letras. Levantou-se de um salto. Todo o seu sangue pareceu coalhar-se em seu cérebro. Chegou o telegrama para mais perto dos olhos. Cerrou os pulsos, soltou uma blasfêmia, cambaleou e dos seus dedos crispados, voluteando lentamente, descrevendo uma espiral no espaço, o telegrama foi cair a poucos passos distantes.

E êle rezava:

"ESTOU NA ATLANTIC VIAGEM EUROPA IGNEZ VAI COMIGO ADEUS CHECHEZ LA FEMME

ANASTACIO".

OS BAILADOS DE MARUSIA FEDOROVA

Uma attitude harmoniosa da bailarina brasileira que nasceu na Russia.

Graça, harmonia e rythmo, num flagrante de dansa.

Num bailado alegre e sensual

MARUSIA FEDOROVA é da terra classica das grandes bailarinas, da terra de Pavlowa. Russa. Naturalisada brasileira. Uma juventude encantadora que sabe desdobrar-se em rythmos e em gestos harmoniosos

Ella dansa bailados populares da Russia, bailados classicos da Grecia, bailados mysticos ou sensuaes do Oriente, dansas alegres, cheias de movimento e dansas tristes, de attitudes hieraticas.

Ella tem o segredo da expressão e da harmonia e a graça de uma bailarina de raça.

O publico do Rio vae ter opportunidade de conhecer, dentro em breve, a arte esquisita e fascinante de Marusia Fedorova: ella vae dansar para a nossa platéa de *élite* no Palacio das Festas quando estiver funccionando a Feira de Amostras, apresentando um programma interessantissimo de bailados, em que a variedade e o senso artistico se casam para maior encanto dos espectadores.

O sorriso brasileiro de Marusia Fedorova.

A PARAMOUNT EM 1934:

SOCIOS NO AMOR

(Design for Living)

Um elegante drama social que defende uma theoria amorosa por demais atrevida.
FREDRIC MARCH, GARY COOPER E MIRIAM HOPKINS, sob a direcção de ERNST LUBITSCH

SANTA, NÃO SOU!

(I'm no Angel)

A vida amorosa de uma domadora que era uma "féra" para conquistar homens... com MAE WEST

SONHOS DE GLORIA

(Sitting Pretty)

Uma alegre revista com muita musica e... pouca roupa.
JACK OAKIE E THELMA TODD.

SENHORITA...

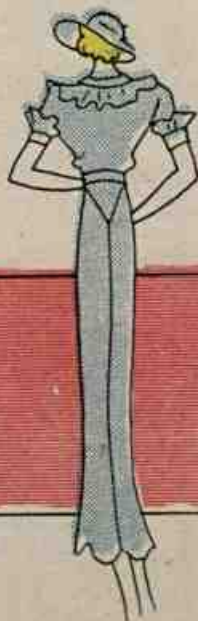
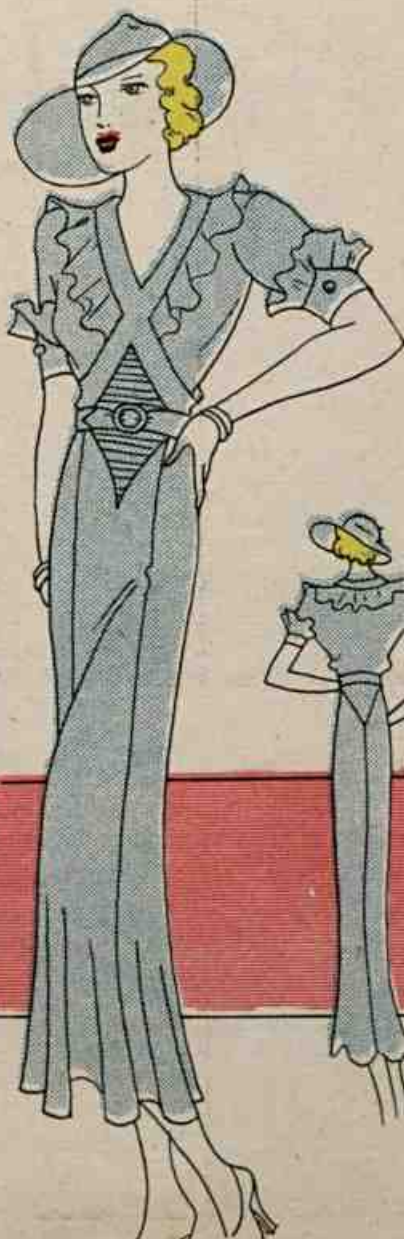
O AZUL está na moda?

O tempo que nos induz a fazer vestidos escuros, preferindo o preto e o marinho, ainda tambem o "marron" embora menos em circulação que no ano anterior, tambem não é refratario a que usemos azul claro, muita vez hortensia, pastel, azul miosotis, muita vez tambem azul com um sôpro de verde, e azul cinza, azul do céu de inverno, azul fraco...

No nosso guarda roupa de inverno, por conseguinte, deve figurar um vestido azul, genero "tailleur" — casaco até um palmo abaixo da cintura, a saia quasi lisa, ligeiramente aberta para baixo, num godeado suave, num pregueado pouco, tambem rematada, caso o queira a dona da "toilette" delicada, por um "plissé" de quatro dedos, motivo que se reproduz, como guarnição dos bolsos, da manga, que, nos vestidos agora vindos da capital parisiense, é pelo cotovêlo, abaixo dêle um bocadinho, raramente comprida de fáto.

Um vestido azul assim deve ser completado com chapeu da mesma côr, sapatos, luvas e bolsa "marron" ou preto. No caso dos complementos "marron", "marthres" havana ou "renard bleu", no dos accessorios em preto, "renard" preto.

SORCIÈRE

O azul estampado de vermelho e branco na saia e no corpete deste vestido cuja blusa de crêpe romano leva tres bainhas abertas á frente.

Azul ainda é este vestido cujo cinto é rematado por fivéla de metal dourado, botões dourados nas mangas.

Um vestido elegante, todo azul pastel com pontinhos pretos.

DE TUDO UM POUCO

O IDOLO

Ramon Novarro anda lá pelo sul.

Passou por aqui, como passou por outros portos da escala.

Ao dar com a Guanabara extasiou-se, segundo o programa, e, divisando, do barco em que vinha, os arranha-céos, que a incuria administrativa deixou plantar na orla do mar, disse lá com os seus botões: a gente daqui deve ser de mau gosto...

Não pensou mais no caso, e foi ataviar-se para o desembarque.

Não acabára ainda, e já o chamavam ao tombadilho os gritinhos histericos das "fans" — viuvas e não viuvas do Valentino — e os berros grosseiros de um troço de basbaques de cabêlo ao vento e ombreiras acolchoadas.

E' o secretario quem lhe vai dizer.

Que maçada! Mas é preciso não desgostar um tão bom mercado de fitas...

Apareceu o idolo.

A aclamação irrompe atroadoramente, mas, como tudo, vai, por fim, amortecendo.

O que se ouve agora é, apenas, um zumbido do comentario cochichado entre as "fans": — que bonitinho, que bonitinho, nem parece homem!...

Isso, porém, não chega aos ouvidos de Ramon, que cansado de se exhibir, ali, de chapeu na cabeça, volta, sem tirá-lo, porque "tem mais que fazer".

Ha quem tenha visto nesse procedimento uma descortesia para com os manifestantes de tão grande entusiasmo.

Mas isso é injustiça e grossa.

Por que haveria o idolo de tirar o chapeu?

Fazem-no, por ventura, os outros quando são adorados?

Dir-se-á que os outros nunca tiveram chapeu.

Não é, porém, uma razão.

Fôra preciso admitir que, si o tivessem, o tirariam.

Para dar ás "fans" ocasião de verlhe os cabelos empastados de gomalina, seria excessivo exigir que Ramon perdesse a sua imobilidade de idolo.

Demais, Ramon tinha para justificar-se um precedente memoravel.

Um dia tambem aqui pelo Brasil, chegou, entre outras, uma náu, que, si não atracou, ancorou.

Não era um "cap"; apenas uma caravela em que vinha aquele que o desrespeito do samba chama hoje de "Seu Cabral".

Tambem este chegou á amurada da sua capitanea para ver a gente que, espantada, o espiava de longe, e dela ser visto.

Não consta, entretanto, que houvesse, nessa ocasião, tirado o barrête que o Rei lhe pusera á cabeça e o Papa benzêra.

Em não se ter êle, então, desbarretado, não se achou, porém, nenhuma prova de descortesia para com a aturdida gente que viera admira-lo.

O barrête não privou Cabral de ter uma estatua ali na Gloria.

Não duvide, pois, Ramon de ainda ter a sua, bem pertinho, na Cinelandia.

Isso é que se lhe deve, e não censuras.

O exemplo de um foi a regra do outro: ambos ficaram de cabeça coberta ante pasmada gente.

"Iguais no valor, iguais no brilho".

Não é assim mesmo, interessantissimas "fans"?

A. de M.

"PROGRESSO" E "SOL"

Como titulo — ótimo.

Mas, sem ser absolutamente anedota, o caso é outro.

"Progresso" e "Sol" são dois garotos gemeos, nascidos em Tolosa.

O registro civil não obstou a inscrição dos pequenitos nos seus livros, nem a pia batismal recusou unir ao desejo dos pais dos pimpôlhos.

GULODICE

Espinafre á romana

Aquecer um pouco de azeite sem gosto e a mesma quantidade de manteiga, dourando, aí, duas cebôlas, em seguida, pouco a pouco, espinafres novos, bem lavados e enxutos (com um pouco de bicarbonato para que se conservem verdes), até que a manteiga e o azeite sejam absorvidos; salgar e polvilhar com pimenta em pó; arrumar, em camadas, num prato quente, polvilhar com queijo parmesão finamente ralado; manter em banho-maria até o momento de servir.

Vestido na moda...

...para a rua ou para a "business girl" é este, composto de saia marinho, casaco cinza fraco e marinho, gola e botões brancos.

"YES"

"SIM"

Significado especial, em Hollywood.

Helen Hayes, a artista inesquecivel de "O pecado de Madelon Claudet" e de "Adeus ás armas" deve muito da sua atual popularidade — segundo Rita Gale — ao fato de saber pronunciar "Sim". Justamente no papel de Madelon Claudet, uma creatura que principia, no "film", moça bonita e elegante e acaba velha, sulcada de rugas e de vicios, a Metro conseguiu como interprete Helen Hayes: "Sim".

Marie Dressler e Polly Moran trabalham em comedias excelentes, curtas, trabalho que lhes dá nome. Porque não se recusaram aos papeis de caricatas, porque souberam aproveitar a oportunidade para emitir o "sim".

Alice Brady, num papel secundario em "Belezas á venda", foi explendida: uma velha que lutava, por meios de massagens e de artificios, para conseguir certo ar da mocidade que já ia longe...

Una Merkel, quando lhe ofereceram papeis insignificantes de creada e de secretária, respondeu "sim". E agora começa a colher resultados da invejavel sabedoria de querer começar naturalmente pelo começo.

VIA-CRUCIS

(Moacyr de Almeida)

Triste, debruço o meu olhar errante
Por essa estrada asperrima e esse aclive
Onde ensanguento os joelhos, e onde estive
Chorando sempre, instante por instante.

Olho... Fulgem, na areia causticante,
As lagrimas de dôr que não retive,
E que verti nesse fatal declive,
Na jornada de Bardo e Bandeirante.

O sangue verti dos pés feridos
Eu vejo, agora, reflorindo em lirios
Na aridez dos caminhos percorridos:

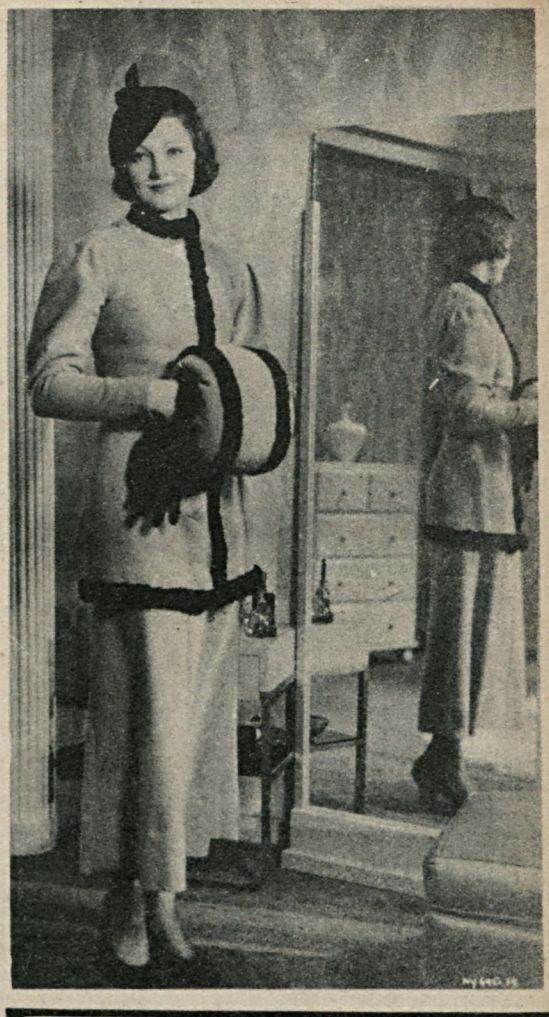
E na ansia de ver os universos,
Eu marcho, abrindo ao sol dos meus martirios,
A floração tristonha dos meus versos...

Um broche de diamantes rematando, graciosamente, a gola plissada do vestido de crêpe marinho de MURIEL EVANS, artista da Metro.

MYRNA LOY é a ultima palavra da elegancia no inverno

COMO VESTEM AS "ESTRELAS" DE HOLLYWOOD

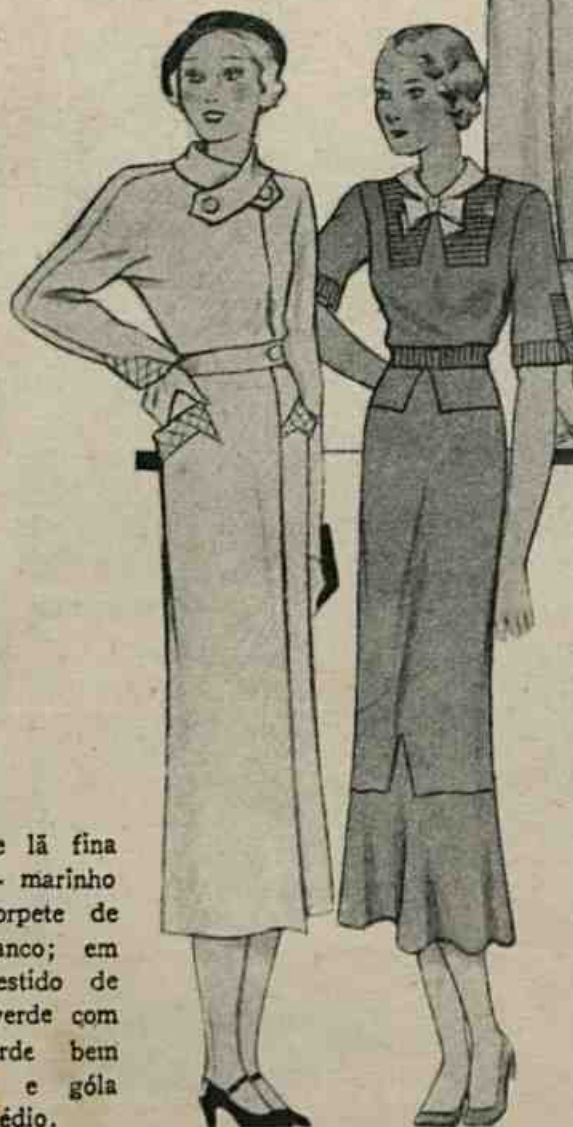
Faz frio? Eis um belo casaco, apresentado por JEANETTE MAC-DONALD, da Metro.

DIANA WYNYARD, da Metro, com um moderno chapeuzinho de veludo pospontado.

O chapeu de MARION DAVIES, da Metro, é modernissimo; o capote preto com um grande laço branco tambem nos falam do que inventam, para os tempos que correm, os costureiros da terra das fitas...

A MODA

PARA GENTE MEÚDA

Da esquerda para a direita: calças e suspensorios de flanela marinho, blusa de crêpe de seda branco; saia-avental de flanéla verde musgo, blusa verde claro; "garçonnet" de flanela de seda branco marfim; vestido de crêpe de seda azul pastel.

Vestidinho de lã fina estampada — marinho e branco, corpete de fustão branco; em baixo — vestido de "shantung" verde com desenhos verde bem escuro, pála e góla verde médio.

Para meninotas

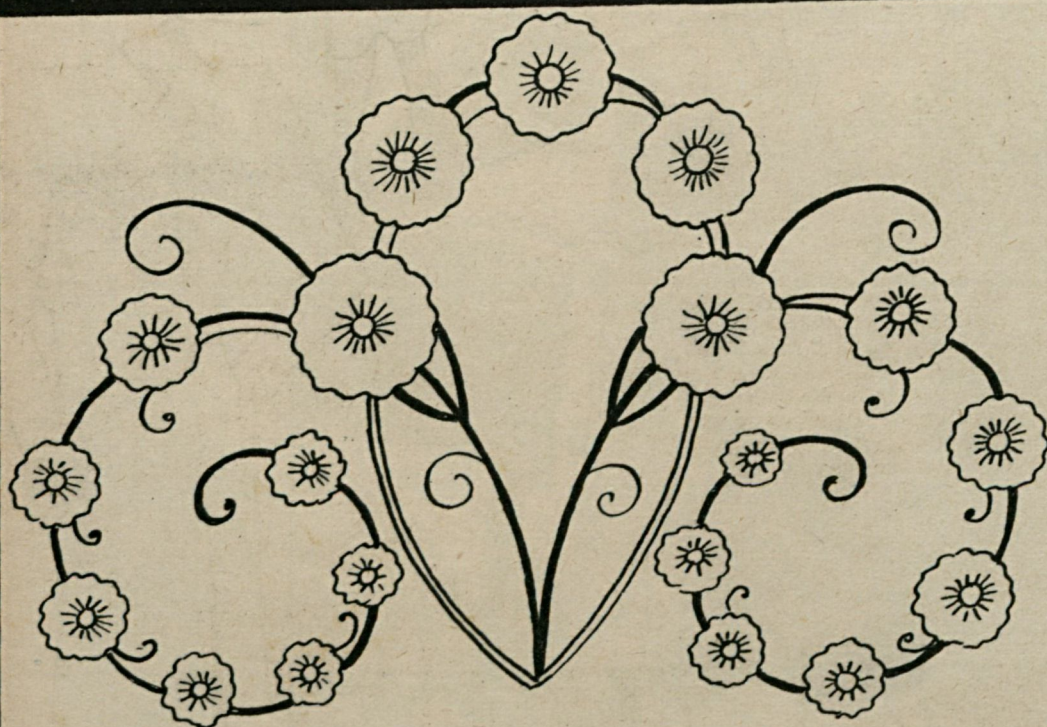
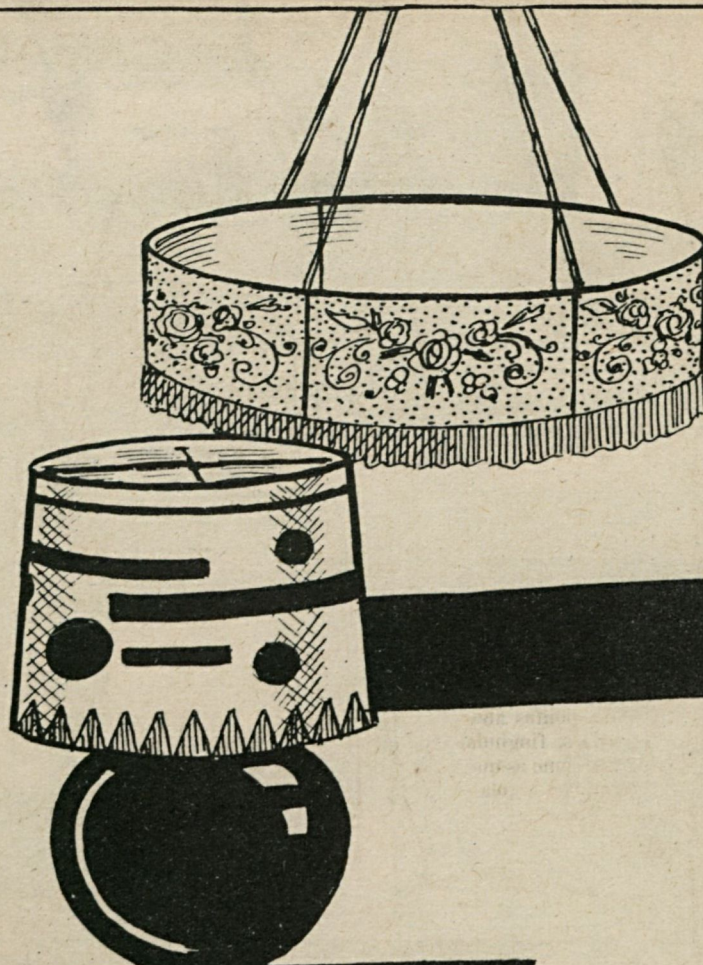
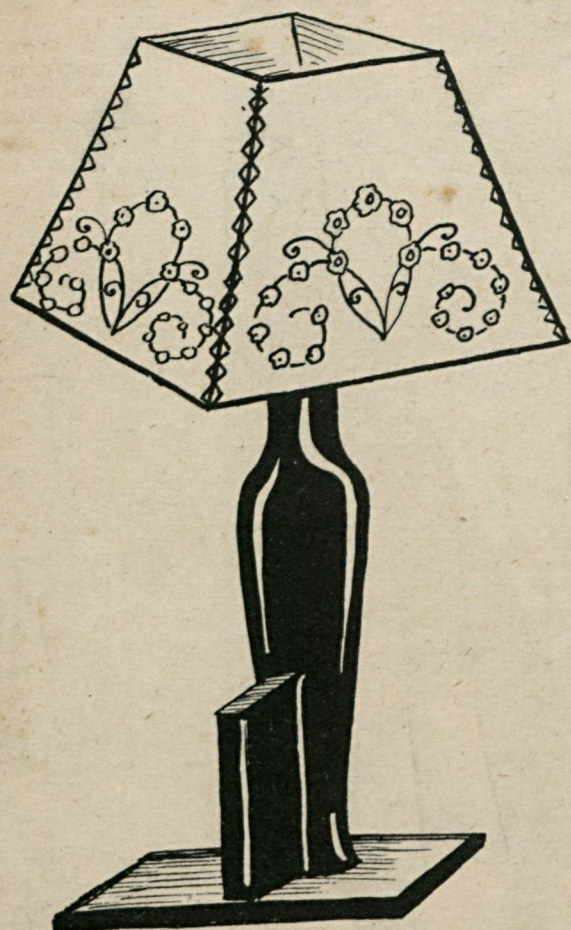
Da esquerda para a direita: casaco de lã diagonal, "cordonnet" grosso, genero Guterman, na beira das mangas e nos bolsos; vestido de crêpe de lã azul "lavande", guarnições de nervuras, gola de fustão branco; saia e corpete de lã "grège", blusa de seda listrada; casaco de lã marinho enfeitado com "soutache" de seda.

A DECORAÇÃO DA CASA

Mais um aposento destinado a casa de campo que serve muito bem dentro da nossa bonita e civilisada cidade.

Uma sala de refeições que é sala de estar e "studio" — tres proveitos... num compartimento só.

Os moveis de madeira côr de canéla são estriados de preto como a porta cujos desenhos e almofadas assemelham-se ao sofá forrado de alegre chitão. A mesa util ás refeições, destinada tambem á escrivaninha, trabalhos de desenho, etc., é da madeira do sofá, embora estriada de maneira diversa. O fogão, sem cabimento no nosso clima, pode ser substituido por um armario para guardar louça, uma parte com vidraça para que deixe perceber a bonitesa dos pratos e do aparelho de chá. Livros na estante cavada na parede, uma janela interessante quasi junto, no outro angulo, prudentemente acolchoada no parapeito — para evitar cálos nos cotovêlos de quem gosta de apreciar, de pé, a paisagem...

Uma sala rustica no todo, no todo bonita e confortavel.

"ABAT-JOUR"

O "abat-jour" de papel é ainda o mais em uso, porquanto além de se prestar a muita fantasia dura mais que qualquer outro — de seda ou tecidos transparentes.

Aqui figuram: um "abat-jour" de quatro faces, de papel pergaminho, desenhado com o motivo abaixo dêle, cujo desenho se torna facil de se executar desde que se utilise papel carbono de boa marca, depois de um pincél fino para cuidadosamente contornar o motivo de enfeite. Querendo colorir, a leitora usará tinta aquaréla, bem diluida para que não prejudique a transparencia necessaria ao bonito aspéto de tais trabalhos. A' tinta é preferivel ainda o verniz transparente de facil procura e distribuido em côres diversas.

Caso a decoração em apreço se queira fazer em papel comum, de desenho, é mister prepará-lo, antes, com pinceladas de verniz cristal branco, ou uma solução de partes iguais de alcool e oleo de ricino, materias que darão ao papel o efeito de pergaminho.

Depois de pintados, os pedaços de papel são postos na armação e presos umas aos outros por meio de fita, cordão de seda ou de metal em orificios simetricamente feitos.

OS CASACOS

A tres quartos, amplo, com alguns pospontos, o casaco ideal para andar.

Longo, até á altura do vestido, este com um efeito de "jabot" do mesmo tecido, pontas abotoadas, fingindo bolsos, como as que terminam a gola "jabot".

Sem gola no pescoço, apenas com duas bandas viradas na frente, fecho de metal na cintura, botões de metal lá em cima, com o movimento de andar este casaco, marinho securo, deixa vêr a saia cinza e a blusa escosseza: marinho, vermelho e cinza.

Um casaco confortavel, talhado em lã angorá azul anil.

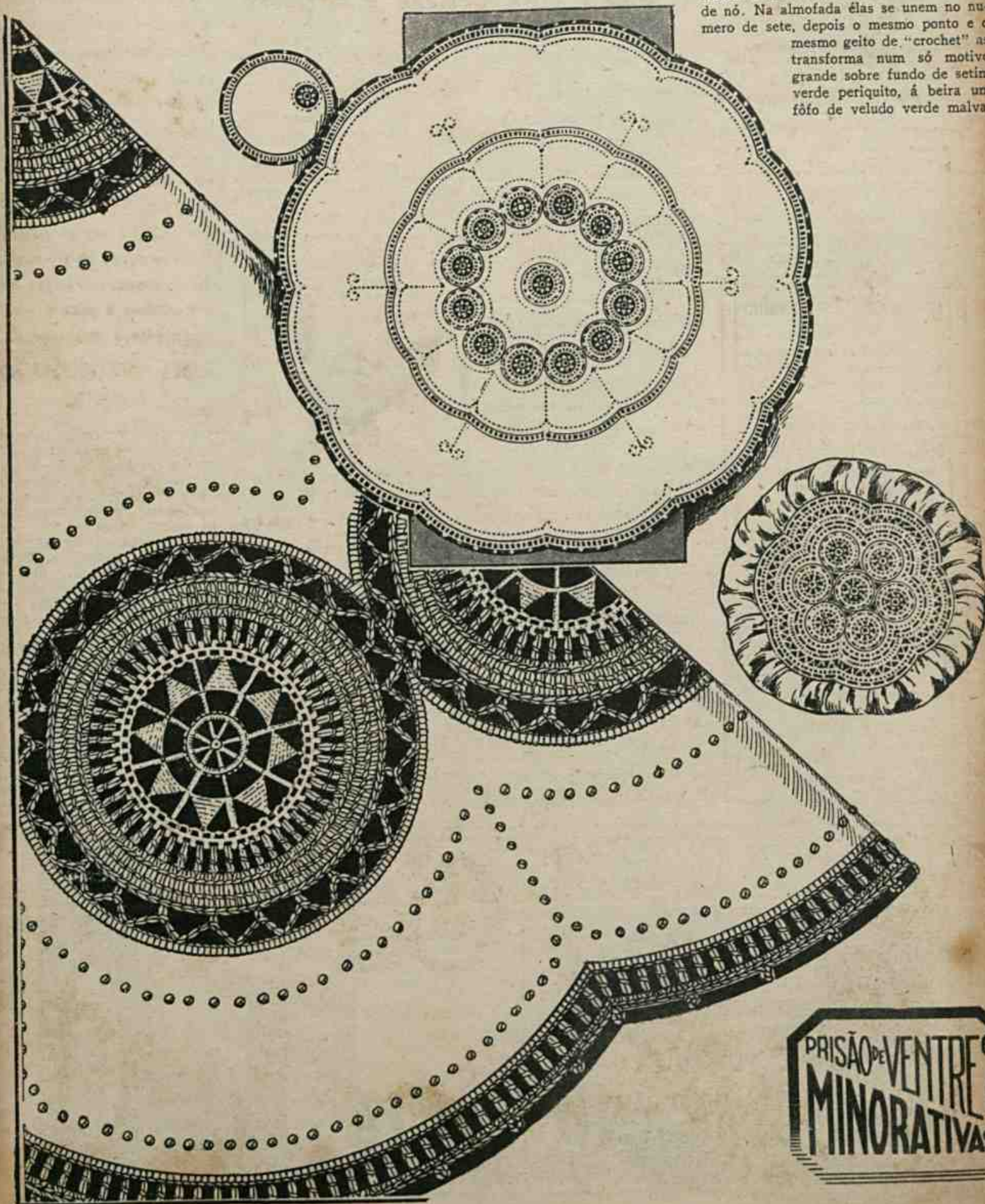
Accessorio de ultimo gosto: sapato e bolsa de camurça havana, boina de feltro com prégas em relevo.

"CROCHET" ARTISTICO

NUM ventro de mesa, numa toalha de chá, numa almofada as rosetas de Venesa, aumentadas com "crochet", incrustadas com ponto de "feston" são originais e de bom gosto.

Rodélas de execução simples. A' volta de um motivo de Venesa medindo 0m,04 de diametro, o "crochet" de linha bem fina, brilhante, n. 30, agulha de aço n. 20.

A primeira volta é formada por bridas separadas por 1 malha no ar. Na seguinte 2 malhas simples em cada uma das no ar, precedentes. Na terceira — 1 brida em cada malha da segunda, com algumas bridas a mais de distancia em distancia, si necessario, para obtenção da curva perfeita. Na quarta — 1 malha simples, 5 no ar, 1 simples, saltando 3 malhas; 5 malhas no ar, etc..

Incrustadas em bonita téla de linho marfim ou colorido, as rosetas ainda se adornam mais com os desenhos a pontos de nó. Na almofada élas se unem no numero de sete, depois o mesmo ponto e o mesmo geito de "crochet" as transforma num só motivo grande sobre fundo de setim verde periquito, á beira um fôfo de veludo verde malva.

Belleza e MEDICINA

A Saude dos dentes e a pelle

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Uma perfeita dentadura constitue um requisito indispensavel de belleza. A hygiene da bocca e sobretudo dos dentes é um dos mais importantes factores para a bôa saude. Muitas senhoras com pelle e cabellos lindos perdem todo encanto ao mostrarem dentes estragados.

Nada mais desagradavel que uma bocca com dentes careados ou falhos, tão commum em individuos desleixados.

Os dentes não exprimem apenas factor embellezativo, pois, têm, tambem, um papel importante na saude geral. Todos nós sabemos que os alimentos devem ser bem triturados afim de que todas as particulas fiquem humedecidas pela saliva para poderem soffrer convenientemente a acção dos succos gastro-intestinaes.

Quando os alimentos não são bem mastigados e por consequencia mal digeridos, notam-se perturbações nos orgãos do apparelho digestivo com repercussão logica sobre a pelle.

A bôa dentadura tem, portanto, valioso papel para quem deseja possuir uma cutis invejavel. A conservação dos dentes não depende sómente do trato diario da bocca, pois requer, ainda, uma alimentação apropriada sobretudo rica em saes de calcio os quaes têm uma influencia benefica sobre o sangue, pelle, dentes, etc.

Os cuidados com a bocca devem ser observados desde a infancia, sendo de toda a necessidade escovar diariamente os dentes pela manhã, antes e depois das refeições e ao deitar-se.

Convém tambem procurar no minimo duas vezes por anno um dentista, afim de que realize o exame completo na cavidade bucal, sabido que os dentes estragados são prejudiciaes á pelle e, principalmente á saude geral.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

N.° 59 — 17 MAIO

PREMIOS: 1.° logar — *Bronze* e *Quadro de Honra*; 2.° — *Medalha de prata*; 3.° — *Diccionario do Charadista*, de A. M. Souza; 4.° — *Medalha de Bronze*; 5.° — 1 *assignatura semestral d'O MALHO*; 6.° — 1 *idem de CINEARTE*. E 3 outros para o *melhor enigma*, a *melhor charada* e o *melhor logogrypho*.

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

1.° TORNEIO COMMUM DE 1934 — N.° 33

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Diana, Dapera, Etienne Dolet, Julião Riminot, Paracelso, Yara, Zelira, Lidaci, Pizarro, Mawereas, Joliver, Violeta e K. Nivete, com 20 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Tiburcio Pina, Icaro, Cid Marlowe, Tenente, com 19 pontos cada um; Tercio-Filho, Ricardo Mirtes, com 18 pontos cada um; Edipo, D. Chico T., K. C. T., com 17 pontos cada um; Antomarepe, com 16 pontos; Bibliophilo, com 15 pontos; Otto von Mach, com 13 pontos; Da Souza, com 9 pontos; Principe Aymone, com 6 pontos.

DECIFRAÇÕES

41 — Terreal; 42 — Narigada; 43 — Ladino, 44 — Malfeitoria; 45 — Fevera; 46 — Feitoria; 47 — Farrusco, farrusca; 48 — Aresta, aresto; 49 — Chilrá, chilra; 50 — Negra-negro; 51 — Facundo, fado; 52 — Precatorio, precario 53 — Cerbero, cerro; 54 — Salubre, sabre; 55 — Colera (Cora, le (vê); 56 — Mascoto; 57 — Passapé; 58 — Alrotaria; 59 — Verbi-gratia; 60 — Não te mettas entre o martelo e a bigorna.

NOVISSIMAS 81 a 85

4—1—A *bebedeira* é o *cortejo mortuario* da *bebida*.

3—2—Só se *incede* uma praça no "*acto*" de dar o *assalto*.

Pizarro (Lorena, São Paulo)

2—1—Que *desgosto* só em pensar que não poderei este mez pagar as "*letras*" que devo! A *familia* é que tambem muito soffre com isso!

Lily Quaglietta (São Paulo)

1—2—O "*chefe*" partiu de "*barco*" para a *enseada*".

Dr. Kean (São Paulo)

3—2—O peixe *some-se* nas aguas do "*rio*" e se mette num "*lugar*" bem fundo.

Claudina

ENIGMAS 86 a 88

Nesta senda espinhosa em que palmilho
Com o peito em ansia, cheio de cansaço,
Dores de certo encontrarás, meu filho,
Como as tenho encontrado, passo a passo.

Mas ouvirás tambem, como inda o faço,
Da ventura o mais dulcido estribilho:
— Assim terás um gozo embora escasso
E do qual em extremos compartilho.

A principio terás, como inda o tenho,
A pesar sobre ti, doce bambino,
Do desalento o mais pesado lenho.

Porém, desfeito o temporal damninho,
Terás, meu filho, esse prazer divino
Da "*ave*" que volta ao seu primeiro ninho

Pizarro (Lorena — São Paulo)

Uma letra e uma nota
Encontradas no terreiro,
Eram amigas da Carlota,
Prima irmã do "*tamborileiro*".

Aselles (São Paulo)

Num salão em festas
Bailarinas lestas
Vêm entrando
Se dispersando
E já formando:
Um par no extremo aquém,
Outro no extremo além,
Um par no centro
E junto ao par d'além
Na linha a dentro,
Bailarina solista
Dansa bem, dansa bem...

O par do extremo aquém
"Nota" bem!
A fila abandonando
Logo vem
Pra unir-se ao par d'além
E juntos entoando
Canção mariosa
Doce, sonorosa,
Cantam bem, cantam bem!

A bailarina solista
Porém,
Almejando ser corista
Tambem,
Logo separa os pares
Afim de no centro entrar
E dar
Da sua graça os ares,
Mas disto advém contenda
E ella, entre os pares
Solta fiífia tremenda,
Que quinteto incolheso!
Que peso, meu Deus, que peso!

Mas... logo o par central
Junto ao par de aquém
Pra salvar a dissonancia
Entra no grupo em ansia,
E assim as sete unidas
Tornam-se amigas fidas
Mas de nada adeantou
Est'apaziguamento
Porque no salão em festas
Habil gatuno entrou
E tudo derrubou!!

Lily Quaglietta (São Paulo)

CHARADAS 89 a 91

A *riqueza* não traz felicidade; — 1
Ha alguem a negar esta verdade?
Pois minha amiga que é bastante bella,
Eu esquecer-me não consigo della,
Tal é a desventura que a molesta;
Vejo-a sempre mui pensativa e mesta...
E' rica no entretanto essa beldade
E a mais linda é de toda esta cidade,
Embora engane bem sua apparencia...
De saude ella tem farta carencia.
A minha doce amiga, vejam só,
E' doente, *doente que causa dó* — 2
Amiga, disse-lhe eu em certo dia,
Vem desfructar um pouco de alegria,
Espero-te amanhã para o jantar...
Um tão grande prazer vaes me causar!...

Sincero, ensinarei, prezada amiga,
No mundo nada ha que se não consiga;
E que em vindo a tua felicidade,
A tua saude então voltar hade!
Sabes que mais? dessa italica terra
U'a *garrafa de vinho* mandei vir,
Bebida, oh! linda, pura, que não erra,
Tal a força que vaes adquirir!
Vem, pois, visitar-me mais a miude
P'r'este vinho bebermos á t'a saude.

Lily Quaglietta (São Paulo)

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934 — ABRIL, MAIO e JUNHO

Para o "*arbusto*" rasteiro — 3
Nada igual ao *benzimento*, — 1
Pois até no proprio unheiro,
E' real medicamento.

Aselles (São Paulo)

(*A' esforçada confreira, a colleguinha Belkiss*):

Ao tomar "apontamento" — 2
Numa casa ahi no "Rio" — 1
Chupei uns "fructos" que o vento
Derrubara aos pés do Lio.

Claudina (São Paulo)

LOGOGRYPHO N. 92

A garota "*preguiçosa*" — 1—2—3—5
Sob a "*arvore*" descança, — 7—9—3—2
E, da vida descuidosa,
Entôa terna romança,
Aquella voz, pelo "*espaço*" — 8—9
Ecôa qual um pardal,
Sem destôo dum compasso — 6—9—3
Num rythmo celestial!
Mas, no castello distante,
Com os *bens* em descenção, — 4—5—6
Scisma o pae, um arrogante
E "*valente capitão*".

Dr. Kean

PRAZOS

Terminarão: a 16, 21, 27 e 29 de Junho proximo e a 1 e 6 de Julho seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes, já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

M A R E C H A L

PITTORESCO 93

O RAMALHETE MARAVILHOSO do LYRIO NO VALLE

Balzac, nesse romance tão pathetico, fala nos de um ramalhete cujas flores se abriam em estações differentes... Mal sabia elle que esse *bouquet* iria, um dia, servir de modelo para aquelle que um jardineiro de Paris se lembrou de compor para depositá-o sobre o tumulo do grande romancista, tumulo que foi restaurado sob os auspicios da direcção da revista "Balzac", editada em Tours. Porque o autor da "Comedia humana" não tem mais descendentes.

A deposição das flores do jardineiro piedoso foi assistida pelo vice-presidente do Conselho Municipal da capital franceza, Sr. Lionel Nastorg, que aproveitou a occasião para offerecer aquelle jazigo á grande cidade.

PANDARÉCO, PARA-CHOQUE E VIRALATA

Uma narração interessantissima da vida de Pandaréco e Parachoque e do cão Viralata, escripta e illustrada a côres pelo talentoso artista MAX YANTOK. Livro de successo para os petizes.

HISTORIAS DE PAE JOÃO

Contos colligidos e escriptos por OSWALDO ORICO, com illustrações artisticas de Luiz Sá. O reconto das mais bellas historias da infancia em estylo attrahente torna esse livro um thesouro para as creanças.

A Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO teve a louvavel iniciativa de publicar uma série de doze encantadores livros para leitura e cultura das creanças, nos quaes estão reunidos um mundo de historias, de contos, de lições de grande proveito para as creanças. Cada um desses livros, á venda em todo o Brasil pelo preço de 5$000 o exemplar, é uma fonte de ensinamentos preciosos para os infantes, um verdadeiro patrimonio de cultura geral para as creanças. Dal-os aos pequeninos é offerecer a estes um ensejo de recreio e de cultura espiritual. Eis alguns livros editados pela Bibliotheca Infantil d'**O Tico-Tico**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL.

PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A

Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico - Trav. Ouvidor, 34 RIO DE JANEIRO

PAPAE

Uma porção de perguntas annotadas e respondidas pelo escriptor JORACY CAMARGO. Livro de cultura necessaria á infancia, livro de finalidade educativa, com primorosas illustrações a côres por Monteiro Filho.

VÔVÔ D'O TICO-TICO

Uma serie de prelecções sobre todos os assumptos de interesse para a infancia. Livro que CARLOS MANHÃES escreveu e que encerra a mais valiosa collecção de lições de cousas, livro de evidente expressão cultural das creanças. Illustrações de Cicero Valladares.